

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA-UFU
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA-ILEEL
MESTRADO EM TEORIA LITERÁRIA

GLENDIA DA SILVA

**MACHADO DE ASSIS, UM LEITOR DA BÍBLIA: UMA ANÁLISE DO MITO
DO DUPLO EM ESAÚ E JACÓ**

UBERLÂNDIA, FEVEREIRO DE 2015

GLENDIA DA SILVA

**MACHADO DE ASSIS, UM LECTOR DA BIBLIA: UMA ANÁLISE DO MITO
DO DUPLIO EM ESAÚ E JACÓ**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-Curso de Mestrado Acadêmico em Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Teoria Literária.

Linha de pesquisa: Poética do texto literário: cultura e representação.

Orientador (a): Professora Doutora Kenia M. A. Pereira

Uberlândia, Fevereiro de 2015

Banca Examinadora:



Prof (a) Doutora Kenia M. A. Pereira (UFU)



Prof. Doutor Valdeci R. Borges (UFG)



Prof (a): Doutora Fernanda A. Sylvestre (UFU)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586m Silva, Glenda, 1980-
2015 Machado de Assis, um leitor da Bíblia : uma análise do mito do
duplo em Esaú e Jacó / Glenda Silva. - 2015.
83 f

Orientador: Kênia Maria de Almeida Pereira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Letras.
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura brasileira - História e crítica -
Teses. 3. Assis, Machado de, 1839-1908 - Crítica e interpretação -
Teses. 4. Assis, Machado de, 1839-1908 - Esaú e Jacó - Crítica e
interpretação - Teses. I. Pereira, Kênia Maria de Almeida. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Letras. III. Título.

CDU: 82

“Duas nações há no teu
ventre, dois povos, nascidos de ti,
se dividirão”(Gn. 25.23)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: A BÍBLIA E A LITERATURA	14
CAPÍTULO II: MACHADO DE ASSIS E AS LEITURAS BÍBLICAS: DA REVERÊNCIA À REBELDIA	26
CAPÍTULO III: O MITO DO DUPLO E A BÍBLIA EM MACHADO DE ASSIS	44
CONCLUSÃO	77
BIBLIOGRAFIA	79

Às minhas mães, Aparecida B. da
Silva (in memoriam) e Onofra G.
Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por permitir-me a vida.

À Professora Doutora Kenia Pereira, pelo apoio e incentivo, pela orientação que muito me ajudou na pesquisa.

À minha mãezinha, pelo apoio e oração e por ter me ensinado a amar as histórias bíblicas.

À Professora Doutora Nismária, pelo incentivo.

À Profesora Doutora Fernanda Sylvestre e ao Professor Doutor Valdeci Borges.

Às minhas amigas que tanto me apoiaram e oraram por mim.

À Jorlene por seu trabalho de digitação.

Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo de análise o livro *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, com o objetivo de demonstrar o diálogo intertextual entre a referida obra e a narração bíblica dos irmãos gêmeos Esaú e Jacó, registrados no livro de *Gênesis*. Embora o presente romance não seja uma obra de cunho religioso, a recorrência bíblica e o mito do duplo estão presentes ao longo de todo o enredo.

A pesquisa divide-se em três momentos que norteiam o presente trabalho. No primeiro capítulo, intitulado *A Bíblia e a Literatura*, faremos uma retomada dos principais estudiosos e teólogos que consideram o texto sagrado como literatura e como fonte de referência para as narrativas ocidentais. Já no segundo, nomeado de *Machado de Assis e as leituras bíblicas: da reverência à rebeldia*, enfatizaremos as duas faces de Machado tanto a de diálogo reverente e parafrásico até à intertextualidade rebelde e pelo avesso. Já no terceiro capítulo, intitulado *O mito do duplo e a Bíblia em Machado de Assis*, analisaremos o romance, apontando a presença do mito do duplo nesta narrativa machadiana.

Palavras-chaves: Literatura, Bíblia, Machado de Assis, Esaú e Jacó, mito do duplo.

ABSTRACT

This research aims the analysis of the book *Esaú e Jacó*, written by Machado de Assis, in order to demonstrate the intertextual dialogue between the book and the biblical narrative of the twins Esau and Jacob, recorded in the book of *Genesis*. Despite the novel not be a work of religious nature, the book's plot.

The research divided into three stages that guide this work: First, *The Bible and the Literature*, we will make recapture o leading scholars and theologians who consider sacred text as literature and as reference source or western narratives. Second, designation: *Machado de Assis and the Bible reading: Reverence to the Rebellion*, emphasizes two faces the Machado so much both the reverent dialogue and paraphrase until intertextuality the rebel averse. The third chapter entitled: *The double myth and Bible in Machado de Assis*, analysis the novel, pointing the to double mith presence in Machado's narrative.

Keywords: Literature, Bible, Machado de Assis, Esau and Jacob, double mith.

INTRODUÇÃO

Esaú e Jacó, de Machado de Assis, romance publicado em 1904, é a penúltima obra desse escritor, que é considerado como um dos maiores autores brasileiros. Este trabalho propõe a análise da referida obra, a fim de destacar a presença de um diálogo com a narrativa bíblica dos gêmeos Esaú e Jacó.

O interesse por essa obra surgiu a partir da leitura que fizemos na graduação, pois se trata de uma história que demonstra um diálogo com o texto bíblico indo muito além da narrativa religiosa. A discussão de *Esaú e Jacó*, também trará a abordagem da história e sociedade da época bem como os multissignificados sobre as contradições humanas, levando-se em consideração o mito do duplo e a alegoria bíblica de Esaú e Jacó.

O que motivou a iniciativa em pesquisar o diálogo feito em tal livro com a *Bíblia* é a importância de retomar a relação dialógica entre os textos bíblicos e os da literatura e as dificuldades de estudo pelas quais o livro Sagrado ainda sofre. Mesmo sabendo do intenso diálogo intertextual entre a *Bíblia* e a literatura ainda são poucos os estudos que levam em consideração esta análise comparativa. No entanto, este preconceito já não se justifica mais, uma vez que, como bem aponta Edson Andrade em Revista da UFSCAR: “Rastros da *Bíblia* percorrem toda literatura brasileira: Machado de Assis, Manoel Bandeira, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado entre outros tiveram o Livro como mote para suas produções do mais alto valor literário para o Brasil” (ANDRADE, 2008, p.5).

No livro *Código dos Códigos – A Bíblia e a Literatura*, Northrop Frye aponta que, “nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária.” (FRYE, 2004, p.14)

Sabemos que os estudos bíblicos como fonte de diálogo intertextual com a literatura brasileira, no meio universitário, é bem recente. Talvez o motivo seja o fato de ele ser considerado Livro Sagrado e a base da fé judaico-cristã, entendida como um texto inspirado por Deus. No entanto, as inúmeras narrativas bíblicas representam um solo fértil para a produção literária. Desta forma, aproximar a literatura ocidental da *Bíblia* tanto contribuí para a teologia como para os estudos de Teoria Literária. Tanto a *Bíblia* como a literatura refletem sobre a dualidade e complexidade da existência humana: ambos assuntos que interessam tanto à teologia como à Teoria Literária. É evidente que para os teólogos a *Bíblia* é de inspiração divina, enquanto que para o estudo laico universitário as narrativas bíblicas são construções estéticas humanas.

Deste modo, o leitor da *Bíblia* do ponto de vista judaico- cristão como o leitor da *Bíblia* do ponto de vista literário secular podem apreciá-la como fonte de leitura transformadora.

Para Frye (2004), por exemplo, a *Bíblia* é muito “mais” que uma obra literária e uma obra de fé: ela é fonte inesgotável de história antiga e de mitologias. Machado de Assis apresenta este algo a “mais”, apontado por Frye, na sua importante obra *Esau e Jacó*, que desenvolve um intrigante e polêmico diálogo com a *Bíblia*.

Esau e Jacó (1904) não é um romance de cunho religioso, mesmo que ao longo dele passamos observar várias recorrências bíblicas. Esta obra propõe uma leitura paródica com o livro de *Gênesis*. A história gira em torno de dois irmãos gêmeos idênticos; Pedro e Paulo, filhos de Natividade e Santos. Natividade consulta a cabocla Bárbara e assim ela descobre que os bebês brigaram no ventre da mãe. Ao chegar à fase

adulta, a rivalidade aumenta entre os gêmeos, ao se apaixonarem pela mesma mulher, Flora. Mas ela, sem conseguir decidir por quem se tornaria noiva, adoece e morre. Os irmãos tornam-se respeitados deputados de partidos opostos: um apoia a Monarquia, o outro, a República. Machado de Assis tratará das discórdias entre eles, desde o ventre materno até a vida adulta, relacionando suas vidas com as questões político-sociais.

O romance não agrada apenas aos leitores como também à crítica especializada. É interessante observar que na época da publicação de *Esaú e Jacó*, o romance teve uma ótima repercussão. Conforme aponta Ubiratan Machado (2003, p.259), “nenhum livro de Machado, até então, foi recebido com tantos elogios.” Para Carlos Nejar, o que provoca tanto o leitor quanto a crítica é o discurso intertextual desta obra com a narrativa bíblica e com os mitos gregos:

Machado fala ao avesso, numa espécie de palimpsesto, ora através dos mitos arcaicos, ora através de figuras bíblicas (Esaú e Jacó, a luta dos gêmeos), ora através da filosofia, ora através de paródias, ou textos dialogais, com Sterne, Hugo, Voltaire e outros. (...) O caso dos gêmeos Esaú e Jacó, além da simbologia bíblica, aproveitando mais tarde também por R. Musil, em *O homem sem qualidades* (1930), através de Ubirch e Ágata, advém igualmente da mitologia helênica, entre I’ficles (filho de Júpiter, disfarçado em Anfitrião - motivo de uma comédia latina de Plauto) e Hércules (filho de Zeus), sendo esse nascido uma noite mais cedo que seu irmão gêmeo. (NEJAR, 2007, p.90-91)

Sanseverino, por sua vez, crê que a principal qualidade de *Esaú e Jacó*, que tanto seduz o leitor, é esta obra estar mesclada de questões românticas além da atmosfera misteriosa que quebra com as características realistas:

A inserção de profecias, como as da cabocla do Castelo, e do mito, como dos nomes Pedro e Paulo (encarnação da briga entre Esaú e Jacó, ou referência a Ulisses e Aquiles), serve para corroer o caráter referencial da prosa realista, dando-lhe um aspecto figural. (SANSEVERINO, 1999, p.22)

Já para o pesquisador Roberto Schwarz (1989, p.48), a originalidade do “narrador volúvel”, talvez seja o mais importante dos pontos altos deste romance, uma vez que o estilo de narrar de Machado apresenta tendências de vanguarda.

O pesquisador Costa Lima, por sua vez, observa que o que interessa mesmo em *Esaú e Jacó* é a sua veia irônica, evidenciando um estilo novo e original:

[...] em Machado a crítica da retórica assume desde logo a função de mostrar seu papel no novo mundo: o papel de encobrir o vazio, de dar-se ares de importância. É óbvio a solidariedade entre esta conclusão e a anterior: a alusão irônica do leitor assume seu verdadeiro peso ao notarmos que este pertencia ao mesmo meio dos usuários da retórica. (LIMA, 1981, p.11)

O título da obra, aliás, se prende a este jogo de alusões irônicas, apontadas por Costa Lima. A obra sugere jogo das antíteses e do duplo. Machado deixa claro na narrativa que “os oráculos tem um falar dobrado.”

O romance *Esaú e Jacó* foi uma das obras da fase madura de Machado de Assis. De acordo com Alfredo Bosi (1994), o escritor, nascido no Morro do Livramento, em 1839, filho de um pintor mulato e de uma lavadeira açoriana, ficou órfão ainda pequeno, tendo sido criado por sua madrasta, Maria Inês. Aprendeu as primeiras letras em uma escola pública, recebeu aulas de latim e de francês de um padre amigo da família, e, de forma autodidata, leu importantes escritores, o que lhe proporcionou uma cultura literária muito rica. Aos dezesseis anos, entrou na Imprensa Nacional como tipógrafo aprendiz; aos dezoito, na Editora Paula e Brito. Depois trabalhou na redação do Correio Mercantil e no Diário do Rio de Janeiro. Apesar de sempre ter escrito durante o tempo em que trabalhou, foi quando passou a ter uma carreira burocrática, primeiro no Diário Oficial (1867-1873) e depois na Secretaria de Agricultura, que Machado pôde dedicar-se realmente ao mundo das letras.

Machado de Assis escreveu peças de teatro, artigos de jornais, poesias, contos, romances. A primeira fase é marcada por um amadurecimento desde o romance

Ressurreição (1899), *A mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). O marco de mudança para a segunda fase que é considerada o momento maduro do autor se dá na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1889), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). A segunda fase é considerada pelos críticos literários como a de romances mais complexos e com mais significados estéticos.

A fim de explicitar sobre as leituras bíblicas de Machado de Assis e como se dá a releitura bíblica na obra *Esaú e Jacó*, além da questão do mito do duplo, este trabalho será dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, com o título *A Bíblia e a Literatura*, abordaremos três tópicos que giram em torno da proposta da análise das narrativas. No tópico inicial, realizaremos algumas considerações sobre a origem e traduções sobre a *Bíblia*, com base em Antônio Gilberto Silva, Esequias Soares, teólogos estudiosos da narrativa bíblica. Estaremos ancorados ainda em estudiosos que tratam o livro sagrado com o olhar laico e também literário como Frank Kermond, Harold Bloom, Northrop Frye, Robert Alter, Antônio Magalhães, Antônio Manzato, Flávio Aguiar.

O segundo capítulo propõe discutir sobre o mito do duplo dentro da literatura com a discussão sobre o assunto usando os seguintes teóricos: Mircea Eliade, Fernanda Sylvestre, Cláude Lévi-Strauss, Joseph Campbell, Jung, Ana Maria Mello e Otto Rank, dentre outros.

Faremos ainda uma exposição da vida e da obra de Machado de Assis, dividindo-a em duas fases, a saber: a primeira, na qual ele é um leitor reverente da bíblia, retomando seus textos e parafraseando-os de maneira lírica e singela. Já na segunda fase, Machado é um leitor menos ingênuo das Sagradas escrituras. Ele rompe com os dogmas e, de forma irreverente, faz releituras dos textos bíblicos, deslocando-os

e distorcendo-os num jogo intertextual paródico. Neste segundo momento, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ele se reafirma como um escritor arrojado e complexo, discutindo de forma irônica sobre a eterna contradição humana, além de relatar problemas envolvendo a sociedade de sua época. Para essas discussões estaremos ancorados nos seguintes teóricos; John Gledson, Roberto Schwarz, Magalhães Júnior, Valdeci Borges, Lúcia Miguel Pereira, Eugênio Gomes, Jean Michael Massa, Márcia Giundim, Ivan Teixeira, dentre outros.

Já no terceiro capítulo faremos a releitura da narrativa *Gênesis* comparando-a com a histórias dos gêmeos *Esaú e Jacó*, publicada em 1904, nesse capítulo estabelecemos uma panorâmica dialógica entre as semelhanças e as diferenças em ambas narrativas e como ocorre dentro delas o mito do duplo ou como se refere Machado “o falar dobrado dos oráculos.”

Entendemos que através da obra *Esaú e Jacó*, Machado de Assis faz uma releitura da história bíblica, o texto se renova tornando algo novo nas mãos do autor, com isso demonstramos como a Literatura e a *Bíblia* dialogam entre si, pois ambas têm um mesmo objetivo que é o da reflexão sobre os conflitos da condição humana.

CAPÍTULO I

A Bíblia e a Literatura

A *Bíblia* é um dos livros mais antigos que se têm notícias e continua mantendo o seu primado e o seu lugar na literatura mundial entre os best-seller. Além disto, ela tem o seu valor religioso para os judeus, cristãos, mulçumanos e espíritas, dentre outras religiões. A *Bíblia* é uma coletânea de livros de belezas literárias pontuadas de acontecimentos históricos, biográficos, poesias, oráculos, ditos sapienciais, cartas, narrativas e textos apocalípticos, revelando uma preciosidade de gêneros literários, fornecendo inúmeros temas para pesquisas. O texto sagrado já foi fonte de inspiração para grandes obras literárias, para a arquitetura, bem como para pintores e escultores. O crítico literário Northrop Frye comenta que:

[...] A Bíblia é, em primeiro lugar, um mosaico, para usar uma palavra não menos precisa do que a feitura, neste caso. Ela é um mostruário de mandamentos, aforismas, epigramas, provérbios, parábolas, enigmas, excertos, dísticos em paralelismo, fórmulas, contos do populário, oráculos, epifanias, “gattungen”, sentenças, fragmentos ocasionalmente em verso, glosas marginais, lendas, aparas de documentos históricos, leis, correspondência, sermões hinos, visões extáticas, rituais fábulas, listas genealógicas, e por aí a fora. (FRYE, 2007, p.244)

Além disso, pra Frye, os fatos acontecem na *Bíblia* de maneira mesclada e caótica e não “contínua”. A *Bíblia* nada mais é que um conjunto de livros, uma pequena biblioteca, que traz a história da cultura e processo civilizatório de um povo em específico os Judeus. Segundo Harold Bloom:

Os judeus chamavam de Tanákh às suas Escrituras Sagradas, um acrônimo de três partes da Bíblia; a Toráh (os ensinamentos ou Leis, também conhecida como os Cinco Livros de Moisés ou Pentateuco); Nevi'im (os Profetas); e Khetuvim (os Escritores). (BLOOM, 1992, p.15)

Para os Judeus a *Bíblia* não é só sua história, como também um conjunto de Leis civis, morais e religiosas dadas pelo seu Deus, Javé. Ainda, segundo Bloom (2006, p.164), “o segmento mais antigo da Torá centra-se em Javé”. Assim, todos os livros bíblicos vão falar Dele e da história dos Judeus.

A *Bíblia* originalmente foi escrita em hebraico, aramaico e grego. Esequias Soares (2003, p.25) explica que: “O Primeiro Testamento foi escrito originalmente em hebraico, com exceção de Esdras 4.8-6.18; 7.12-26; Daniel 2.4-7.28; Jeremias 10.11 e duas palavras em *Gênesis* 31.47, que foram escritos em aramaico.”

Quanto a sua autoria, segundo a teologia, foram cerca de 40 autores diferentes que se debruçaram na exaustiva tarefa de confeccionar os livros bíblicos, levando um período de 16 séculos para ser toda escrita. Antônio Gilberto (1986, p.37) aponta que “os escritores foram homens de todas as atividades da vida humana, daí a diversidade de estilos encontrados na *Bíblia*”.

Quanto ao conteúdo, o Primeiro Testamento está dividido em Leis, História, Poesia e Profecia. Neles encontram-se a possível origem de todas as coisas e o estabelecimento da nação israelita, a Teocracia, a Monarquia, a divisão de reinos e o cativeiro. Já no Segundo Testamento, os livros estão classificados conforme o assunto a que pertencem: Biografia, História, Epístolas e Profecia.

Através do Cristianismo, tanto o Primeiro Testamento como o Segundo Testamento, formaram o livro Sagrado, a base da fé cristã, construindo os dogmas e a elaboração de fórmulas doutrinárias: uma regra de fé e prática. Por ser um livro que serve de base para uma fé, a *Bíblia* foi traduzida para inúmeras outras línguas. No começo,

houve a tradução Septuaginta, nome que no latim significa setenta, e a tradução Vulgata. A Septuaginta foi a primeira tradução das Escrituras, que foi transposta do hebraico para o grego. A ordem dos livros por assuntos, do formato da *Bíblia* atual, vem desta tradução.

A Septuaginta, segundo Esequias Soares, é também conhecida pelo nome de “Versão dos Setenta”, sendo realizada por 70 ou 72 eruditos judeus em 70 dias, e ainda segundo ele:

O trabalho de tradução foi a pedido do rei Ptolomeu IV, Filadelfo, que reinou entre 285 a.C. em Alexandria, Egito, por isso é também identificada como Versão de Alexandria. É a tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego e é identificada pelos algarismos romanos “LXX”. (SOARES, 2000, p.73)

Através da Septuaginta outros povos começam a conhecê-la e a realizar outras traduções importantes para a divulgação de suas histórias. Outra tradução de muita importancia é a Vulgata Latina, cujo texto padrão da *Bíblia Católica Romana*, como vemos:

Em 382 d.c., o bispo de Roma, Dâmaso I, o comissionou para revisar a tradução latina da Bíblia, a Ítala, cuja finalidade era preparar uma tradução acurada do latim, seguindo o texto hebraico do Antigo Testamento, Jerônimo começou esse trabalho em 386 e terminou em 405. A vulgata Latina é um misto de revisão e tradução feita por Jerônimo. (SOARES, 2000, p.79)

Com isso, a *Bíblia* começa a ser a base forte do Cristianismo, que era a religião predominante na época da Vulgata Latina. Para que os livros que a compõe fossem considerados sagrados, ela passou por um processo de canonização. Um estudo que tratou do reconhecimento e da copilação do que foi inspirado por Deus: os livros que estavam de acordo com o padrão e foram dignos de inclusão, como nos esclarece Ezequias Soares:

A palavra “cânon” é de origem hebraica “cana”, que usava como “cana de medir”. Na literatura grega clássica significa “regra, norma, padrão”. [...] Nos três primeiros século do cristianismo, a palavra “cânon” referia-se ao conteúdo normativo, doutrinário e ético da fé cristã. A partir do século IV da Era Cristã, os homens de Deus chamados Pais da Igreja aplicaram as palavras “cânon” e “canônico” aos livros sagrados, para reconhecer sua autoridade por Deus e instrumentos normativos para a fé cristã, portanto, separado de outras literaturas. (SOARES, 200, p.30)

Estabelecidos estes instrumentos normativos para a canonização veremos que o Primeiro Testamento foi reconhecido, fixado e canonizado; como nos conta Antônio Gilberto Silva (1986, p.58): “em 90 d.C. Em Jâmnia, perto da moderna Joazeiro em Israel, os rabinos, num concílio sob a presidência de Johanan Ben Zakai, reconheceram e fixaram o cânon do Antigo Testamento.” E no III Concílio de Cartago, em 397 d.C. foi definitivamente reconhecido e fixado o cânon do Novo Testamento.

Com a Reforma Protestante, em 1517, por Martinho Lutero, surgem diferenças entre a *Bíblia Católica* e a *Bíblia Protestante*. A *Bíblia Católica* tem 73 livros e a *Bíblia Protestante* tem 66 livros. No texto protestante não há os considerados apócrifos de *Tobias*, *Judite*, *Sabedoria*, *Baruc*, *Eclesiásticos 1 e 2*, *Macabeus*, além dos acréscimos de *Ester e Daniel*. A palavra “apócrifo” significa literalmente “escondido”, “oculto”, no sentido religioso, o termo significa “não genuíno”.

Na tradução da Vulgata, Jerônimo incluiu os apócrifos, que eram quatorze: 10 livros e 4 acréscimos. No concílio de Trento, a igreja Romana aceitava a todos estes livros, mas depois passou a aceitar apenas onze: 7 livros e 4 acréscimos. A Igreja Romana aprovou os livros apócrifos em 18 de abril de 1546, visando combater a Reforma Protestante, a qual repudiava as doutrinas romanistas com as do Purgatório, oração pelos mortos, salvação mediante as obras.

Em 1592, foi impresso a primeira *Bíblia* romana com os apócrifos. No ano de 1629, a *Bíblia* protestante omitia esses livros constando nela apenas os 66 livros. É

importante ressaltar que no cânon hebraico os apócrifos não são reconhecidos pelos judeus.

Martinho Lutero, segundo nos relata Antônio Gilberto Silva (1986, p.45), traduziu a *Bíblia* dos originais gregos, e esse texto serviu de base para o alemão literário, sendo considerada o começo da literatura alemã. Ainda segundo o estudioso Antônio Gilberto Silva, a Inglaterra foi a primeira nação a ter a *Bíblia* em linguagem popular.

A primeira tradução da *Bíblia* em português foi realizada pelo pastor João Ferreira A. d'Almeida. Esta é a tradução usada nas igrejas evangélicas brasileiras. Ela foi impressa pela primeira vez em 1944, pela Imprensa Bíblica Brasileira. Já a tradução da *Bíblia Católica*, em português, na versão do padre Figueiredo, publicou-se o Segundo Testamento em 1781 e o Primeiro em 1790. A tradução católica brasileira foi publicada em 1917 pela Sociedade Britânica e Estrangeira.

Em 1822, chega no Brasil a primeira remessa de *Bíblia* para populares. Não podemos esquecer que, durante muito tempo, aqui no Brasil, a *Bíblia* era o único livro presente nas casas das famílias, além disso, ela era usada nas escolas primárias como a base do ensino religioso, nos quais os alunos tinham que decorar versículos e várias histórias bíblicas. O imaginário do povo brasileiro, por muito tempo, se alimentou destas narrativas do Primeiro e Segundo Testamento.

A *Bíblia* até hoje ilumina a imaginação de muitos autores e de grandes obras literárias que a tomaram como base. Incontáveis autores ocidentais buscaram no livro sagrado histórias, frases, ditos, parábolas. Usam-na em seus trabalhos como combustível poético e não como uma profissão de fé. Aguilar (2003, p.17) chega mesmo a afirmar que “nenhum livro tem inspirado mais a produção literária como a *Bíblia*.”

A *Bíblia*, portanto, foi a fonte onde grandes autores canônicos beberam, dentre eles: Shakespeare, Dante, Gil Vicente, Victor Hugo, Machado de Assis. Para Erich Auerbach (1976), por exemplo, a literatura ocidental se estrutura a partir da concepção de dois mundos opostos: o grego e o judaico-cristão. Para Auerbach:

Os personagens homéricos são retratados num mundo extremamente detalhado e rico que lhes tira a profundidade psicológica; ao passo que os personagens bíblicos vivem situações de extrema intensidade psíquica, tornando-os mais intensos e mais intensos e mais complexos. (AUERBACH, 1976, p.10)

Recordemos aqui ainda as interessantes palavras de Moacyr Scliar, ao referir-se à Bíblia:

Em tempos sôfregos pela novidade, fato de que um texto escrito há milênios continue a ser lido por boa parte da humanidade. Este texto é o Antigo Testamento. Para muitas pessoas, a Bíblia é expressão das palavras de Deus, uma narrativa que implica uma mensagem moral plenamente aplicável, independente de época e lugar. Mas a Bíblia permite também uma leitura não religiosa, uma leitura literária capaz de comover e encantar mesmo céticos e agnósticos. (Apud HOLANDA, 2005, p.11).

As narrativas bíblicas são assim intensas, comoventes, complexas e com personagens marcantes. Muitos autores literários buscam neles inspiração para compor os seus personagens. Os personagens bíblicos não são imutáveis, pelo contrário, eles vão se redimensionando com o tempo, fazendo parte do imaginário cultural de muitas civilizações. Ora são parafraseados, ora eles são parodiados. Ora o choro, ora o riso. Eles servem tanto à tragédia como à comédia. Com certeza, continuarão inspirando ainda, muitos séculos, a literatura do mundo ocidental. Robert Alter nos explica também sobre a grandeza desses personagens:

Como a *Bíblia* consegue evocar personagens de tamanha profundidade e complexidade valendo-se de meios aparentemente tão parcos e mesmo rudimentares? Afinal, a narrativa bíblica não contém análise minuciosa de causas ou razões, nem entra em detalhes a respeito de processos psicológicos;

somente nos concede indicações mínimas acerca de sentimentos, atitudes e intenções, e oferecendo-nos pouquíssimas informações sobre o aspecto físico, a gesticulação e os trejeitos, a roupa e os instrumentos usados pelos personagens, o ambiente físico em que eles cumprem seus destinos. (ALTER, 2007, p.174)

Embora a *Bíblia* seja um rico manancial de narrativas e personagens que nutrem os pensamentos de autores, os estudos desses diálogos intertextuais infelizmente ainda são escassos e muito recentes na academia.

Robert Alter (2007, p.32) comenta que: “Até meados da década de 1970, o único estudo de fôlego em inglês realizado por um pesquisador experiente e interessado em examinar a *Bíblia* de uma perspectiva literária era *Irony in the Old Testament*, de Edwin M. Good.” Robert Alter ainda nos diz que, em parte, a questão da ausência por tanto tempo sobre um estudo mais apurado sobre o diálogo intertextual com a *Bíblia* e a Literatura, é que:

Em contraste com a literatura grega e latina, a Bíblia foi considerada durante muitos séculos, tanto por cristãos quanto por judeus, a fonte unitária, e primária da verdade de revelação divina. (ALTER, 2007, p.34).

O diálogo entre a *Bíblia* e a Literatura é muito conflituoso e complexo. Muitos estudiosos acham que são dois mundos separados, não vêem que as obras literárias mundiais trazem, muitas delas, uma dimensão religiosa, ora por paráfrase ora por paródia. Assim, tanto a *Bíblia* como a literatura universal que vai buscá-la como fonte de inspiração questionam a mesma coisa, tem o homem como centro de sua produção, levando o leitor a refletir acerca da complexidade da existência humana. Antônio Manzatto afirma que:

Pela ficção ou poesia, a literatura põe em cena o homem vivo, com suas questões, seus sonhos, seus problemas e seus sentimentos em face do mundo da natureza, em face dos outros homens e diante de si mesmo. Ela interessa-se pro tudo o que é humano, de tal modo que se pode dizer que a literatura é tão

grande quanto o humano. Diversas ciências aproveitaram-se disso ao longo dos séculos e debruçaram-se sobre a literatura para desenvolver seus estudos e chegar a uma melhor compreensão do homem. (MANZATTO, 1994, p.63)

A literatura acaba levando o ser humano à reflexão sobre a temática da vida, assim com a teologia através das narrativas bíblicas, que leva a refletir sobre a complexidade de uma consciência dividida, ora amando, ora odiando, ora tem personalidade límpida, ao mesmo tempo vive em um turbilhão de sentimentos opostos. Com isso, um estudo entre os textos literários e os textos bíblicos é de grande importância para a compreensão humana como nos mostra Magalhães (2000, p.45) “A atividade literária não pode se tornar serva da teologia, mas pode reconhecer na teologia uma porta de entrada para compreensão do humano e do sagrado”. O crítico literário Northrop Frye (2004, p.10) concluiu ainda que para compreender a literatura inglesa é indispensável ter o conhecimento bíblico. Ter conhecimento bíblico é também indispensável para compreender não só a literatura, mas a arte e a música, em diversas épocas. É importante ter a compreensão entre a relação do texto bíblico com a literatura e o texto bíblico como literatura. Seu valor literário não pode ser negligenciando, pois encontraremos nela princípios formais da literatura, como uso da linguagem, o poético e o descritivo.

Frye (2004), acrescenta ainda que na *Bíblia* encontraremos um novo uso estilístico: o proclamativo, que é a intensidade das tramas e personagens, tendo o objetivo de incluir o leitor nos temas como se ele participasse da história e tirasse alguma lição dela. Ele ainda nos diz que esse estilo proclamativo pode se compreendido também como uma forma de interação do leitor com o mundo bíblico:

Aqueles que conseguiram ler a Bíblia do começo ao fim descobrirão que ela tem pelo menos um começo e um fim e resquícios de uma estrutura completa. Ela começa com o começo do tempo na criação do mundo; e termina com o

término do tempo, no Apocalipse. No meio do caminho ela resenha a história humana, ou o aspecto da história que lhe interessa. (FRYE, 2004, p.11)

A *Bíblia* não só possui uma riqueza religiosa, mas ela também apresenta uma linguagem literária e estilística muito rica. O que a torna mais intrigante é que a abordagem religiosa e a literária se complementam. E como bem afirmam Alter e Kermode:

[...] a *Bíblia*, considerada como um livro, atinge seus efeitos por meios que não são diferentes dos geralmente empregados pela linguagem escrita. Isso é verdade quaisquer que sejam nossas razões para atribuir valor a ela – como o relato da ação de Deus na história, como o texto fundador de uma religião ou religiões, como um guia para a ética, como evidência sobre povos e sociedade no passado remoto e assim por diante. De fato, a análise literária deve vir primeiro, pois, a menos que tenhamos um entendimento claro do que o texto está fazendo e dizendo, ele não terá muito valor sob outros aspectos. (ALTER; KERMODE, 1997, p.13)

Mesmo sendo um livro de cunho religioso há uma necessidade de analisá-la de maneira literária. Há de se analisá-la ainda em confronto com as obras ocidentais. Harold Bloom, quando questionado em uma entrevista se o enfoque literário na leitura da *Bíblia* é mais interessante do que o religioso, declara:

Sem dúvida. O texto original do que hoje chamamos de Gênesis, Êxodo e Números é trabalho de um narrador magnífico, certamente um dos maiores contadores de histórias do mundo ocidental [...] Pense em figuras como José, Jacó e Jeová. São todos personagens maravilhosos. E os efeitos poéticos do texto são extraordinários, comparáveis a Píndaro. Os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel também eram grandes escritores, assim como os autores do Evangelho de Marcos e do Livro de Jó. A *Bíblia* é uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura. (BLOOM, 2001, p.15)

Para Bloom, o texto bíblico é uma maravilhosa obra literária, no qual tem revelado muito das contradições e inquietações humanas. E ainda para Salma Ferraz o diálogo entre a bíblia e a literatura é sempre desejável, embora, tal debate, seja, por

vezes, “conflituoso, porém fértil, entre Teologia e Literatura”. (FERRAZ, 2014, p. 144). Não podemos desconhecer que neste texto sagrado encontramos além das impressionantes narrativas, História, Códigos de Ética, Cartas, Cânticos, ou seja, um rico acervo de gêneros literários, convidando os teóricos ao estudo e pesquisas. Flávio Aguiar, tradutor para o português do livro de Frye, *O código dos códigos* (2004) também comenta:

Podemos ver a fábula de uma narração que compõe o enredo, como uma sucessão de acontecimentos dispostos no tempo, mesmo que haja flashbacks e antecipações reveladoras. Mas também podemos ver ambas, fábulas e narração, como uma estrutura simultânea de imagens e situações que se articulam. A forma particular da obra literária se torna significativa e perceptível pelo modo como essas visões, a diacrônica e a sincrônica, se articulam. Foi a Bíblia, mais do que a tradição clássica, que criou esse processo e esse procedimento, sobretudo no plano interno das obras e foi a Bíblia também que, por assim dizer, “ensinou” os escritores, mesmo os modernos a proceder desse modo. (AGUIAR, 2004, p.276)

Não há como negar que a Literatura estabelece, em vários momentos, um diálogo intertextual com as histórias bíblicas. Ela alimenta a imaginação de vários poetas até hoje. Na obra *Jesus e Javé, os nomes divinos*, (2006, p.180), Harold Bloom afirma que a “Escritura está mais próxima de Shakespeare do que da filosofia”. Os personagens são intensos e ideológicos, assemelhando-se aos personagens dos clássicos literários. Até mesmo grandes autores considerados não religiosos tiveram a *Bíblia* como referência, como por exemplo, José Saramago. Em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, por exemplo, Saramago desconstrói o nascimento de Jesus, satiriza o mundo bíblico, ironizando o Criador e todos os seus seguidores. Outro diálogo bíblico de Saramago é a obra *Caim* e para se compreender as paródias de Saramago é necessário conhecer o texto primeiro. Sem a referência da *Bíblia* não se pode compreender as ironias do Saramago.

Oscar Wilde, com a peça teatral *Salomé*, também vai beber de forma irônica nas histórias milenares da *Bíblia*, para recriar uma mulher sedutora e poderosa. Assim, tal qual José Saramago e Oscar Wilde, Machado de Assis, também irá dialogar com as histórias bíblicas como se pode ver em poemas como *Fé*, *Dilúvio*, no conto *Adão e Eva*, *Na arca* e no romance *Esaú e Jacó*. Além de Machado, como já dissemos antes, vários outros autores irão dialogar com o texto sagrado, como bem aponta Flávio Aguiar:

De Dante Alighiere e John Milton a Franz Kafka, o legado literário da Bíblia é amplo e variado. A palavra bíblica chegou ao Brasil de barco – e com ela vieram o céu, o purgatório e o inferno. Nas letras brasileiras, José de Anchieta, Gregório de Matos e Oswald de Andrade são alguns dos autores que escreveram páginas que foram inspiradas, direta ou indiretamente, em passagens do livro sagrado. (AGUIAR, 2005, p.58)

Assim a pergunta que nos impulsiona nesta pesquisa é: O que este livro tem de tão inspirador que nutriu parte da obra de nossos autores brasileiros e também de Machado de Assis? E mais: o que tem nestas narrativas consideradas sagradas que, ao longo de tantos séculos, diversos autores, em diversas épocas, buscaram nelas um diálogo para suas obras? Talvez Aguiar nos possa novamente esclarecer:

Como outros livros sagrados, a Bíblia foi utilizada para estabelecer a barbárie e a exclusão. Continua a ser usada dessa forma ainda hoje, como em outras plagas o Corão também pôde e pode servir para justificar atrocidades. Mas também encontramos nela (e no Corão igualmente) palavras de liberdade e de luta contra a opressão. Talvez aí esteja a razão principal da influência imorredoura que tais livros exerceram e ainda exercem sobre as culturas do mundo; pois para além de sua apropriação indébita pelos que desejam simplesmente construir um poder e nele se perpetuar, acena e se deixa vislumbrar a história extraordinária de criação, de mudanças, de transfigurações e de transformações que tais livros contém. (AGUIAR, 2004, p.280)

Histórias e personagens fortes e complexos, narrativas intensas de mudanças de esperanças e de transformações, lições, conselhos, pessimismo e otimismo, além de intensas reflexões para a vida que tem se passado por séculos e sendo transmitida de

geração a geração. Um livro assim, não pode ser negligenciado. O meio acadêmico deve investir em mais pesquisa, estudando com mais pertinência e menos preconceito o diálogo entre a *Bíblia* e a literatura ocidental, pois se ela tem seu grande valor religioso tem também um valor imenso dentro da arte literária secular:

A abordagem da Bíblia de um ponto de vista literário não é de per si ilegítimo: nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária. Mas a Bíblia era tão obviamente mais do que uma obra literária, seja lá o que este “mais” signifique que uma metáfora quantitativa não ajudava muito. (FRYE, 2004, p.14)

Com todos esses argumentos fundamentados nestes críticos literários e teólogos sobre a questão da *Bíblia* como literatura e da *Bíblia* na literatura, não temos mais como ignorar a inestimável contribuição do livro sagrado para a literatura ocidental. Assim, um conhecimento mais aprimorado das narrativas bíblicas ajuda-nos a compreender o diálogo entre a Literatura e o livro de *Gênesis*, onde Machado de Assis irá buscar inspiração para seu romance *Esaú e Jacó*, o qual comentaremos agora no segundo capítulo.

CAPÍTULO II

Machado de Assis e as leituras Bíblicas: da Reverência à Rebeldia

Joaquim Maria Machado de Assis, considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira, nasceu no dia 21 de junho de 1839, filho de Maria Leopoldina Machado da Câmara e de Francisco José de Assis. Seus pais eram pobres, mas tinham relações com gente de classes sociais mais favorecidas.

Seus pais moravam como agregados em uma chácara localizada no Morro do Livramento, de propriedade de Maria José de Mendonça Barroso Pereira. Ele foi batizado na capela dedicada à Nossa Senhora do Livramento, tendo como padrinhos, a Joaquim Alberto de Souza da Silveira e Maria José de Mendonça Barroso. Fatos que Lúcia Miguel Pereira nos esclarece melhor:

[...] Deram ao pequeno o nome do padrinho, Joaquim, ao qual acrescentaria depois o de Maria, que tinha a mãe e a madrinha. A capela onde se realiza a cerimônia fazia parte da velha quinta do Livramento, da qual consta terem sido agregados os pais de Machado de Assis. (PEREIRA, 1988, p.20)

Machado de Assis passou sua infância nessa chácara, teve apenas uma irmã, chamada Maria, que falece ainda nova e, aos 10 anos de idade, ele perde também sua mãe. Não se sabe muito sobre Machado nesse período de sua vida, como podemos ler na biografia escrita por Jean-Michel Massa: “Entre a morte de sua mãe (1849) e a sua ida para a cidade (1854-1855), há uma lacuna quase que total na biografia de Machado de Assis.” O que se sabe mesmo é que estamos diante de um garoto pobre, mulato,

magro e doente com epilepsia, que ajudava sua madrastra na venda de doces, um autodidata que chega a ser um dos maiores autores da literatura brasileira.

Acredita-se que no tempo de sua adolescência, ele tenha morado em São Cristóvão, onde foi coroinha e conheceu o Padre Antônio Jose da Silveira Sarmento, que o influenciou a escrever poesias de cunho cristão:

[...] Ao escrever o elogio do grande orador sacro, Machado de Assis obedecia a uma moda literária da época, mas é provável que também estivesse, então influenciado pelos conselhos de seu amigo e mestre, o Padre Antônio José da Silveira Sarmento, que o próprio Machado confessou ter sido, durante um ano de sua vida, “um modesto preceptor e um agradável companheiro.” (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p.49)

Essa amizade com o padre, com certeza, ampliou no espírito do pequeno Machado, o conhecimento de leituras bíblicas. Assim sendo, suas primeiras poesias eram meditações religiosas profundas, com ensinamentos morais, como podemos observar no poema em que ele dedica ao padre Antônio Sarmento, em ocasião de sua morte:

Ei-lo, vai o alto do Calvário.

Morrer piedoso e calmo numa cruz!

Povos! Naquele fúnebre sundário

[...]

Ide, ao som das sagradas melodias,

Orou junto do Cristo como irmão,

Que os espinhos da fronte do Messias

São as rosas das fronte dos cristãos (MAGLHAES JUNIOR,1981,p.58)

Percebe-se nesse poema um tom cristão, em que o autor, ainda um adolescente, bebe de forma ainda singela na narrativa bíblica sobre a morte de Cristo. Encontramos outros poemas escritos por Machado de Assis no início de sua vida literária em que este autor é fiel ao texto sagrado, como podemos ler em “*O dilúvio*”, de 1863:

Do sol ao raio esplêndido
Fecundo, abençoado,
A terra exausta e úmida
Surge, revive já;
Que a morte inteira e rápida
Dos filhos do pecado
Pôs termo à imensa cólera
Do imenso Jeová!

[...]

Ao sob e às brisas tépidas
Respira a terra um hausto,
Viçam de novo às árvores,
Brotam de novo a flor;
E ao som de nossos cânticos,
Ao fumo do holocausto
Desaparece a cólera
Do rosto do Senhor (ASSIS, 2008 , p. 45)

Nessa fase, temos ainda um Machado de Assis singelo e ingênuo, um Machado que não ironizava as histórias bíblicas, sendo reverente a ela num discurso ainda tímido, mergulhado no imaginário religioso. No poema “*Dilúvio*”, por exemplo, encontramos um tom cristão respeitoso muito próximo da narrativa mosaica. Não há ainda a paródia apenas a paráfrase, como se lê nestas estrofes iniciais:

Em vão, ó pai atônito
Ao seio o filho estreitas;
Filhos, esposos, míseros,
Em vão tentais fugir!
Que as águas do dilúvio
Crescidas e referidas,
Vão da planície aos píncaros
Subir, subir, subir!

Só, com a idéia única
De um mundo que se acaba,
Erma, boiava intrépida,
A arca de Noé;
Pura das velhas nódoas
De tudo o que desaba,
Leva no seio incólumes
A virgindade e a fé. (ASSIS, 2008, p.45)

Machado escreveu outro poema com essas mesmas características, “*Fé*”, de 1863. O que sobressai é o viés religioso com reverências ao cristianismo:

As orações dos homens
Subam eternamente aos teus ouvidos;
Eternamente aos teus ouvidos soem
Os cânticos da terra.

[...]

Feliz o que nos lábios,
No coração, na mente põe teu nome,
E só por ele cuida entrar contando
No seio do infinito (ASSIS, 2008, p.38)

Machado de Assis escreveu outros poemas onde ele se mostra um profundo conhecedor da *Bíblia* e dos problemas religiosos enfrentados pelos judeus no Brasil. Para Magalhães Júnior “[...] uma das singularidades é a de ter Machado de Assis – grande leitor da Bíblia e sobretudo do Livro de Eclesiastes que tão frequentemente citou.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p.170).

O mais interessante é que o livro intitulado *Eclesiastes*, são poesias feitas possivelmente pelo rei Salomão, já velho, em que ele expressa que tudo que o homem vive, procura e estuda acaba sendo vaidades. “Nada há de novo debaixo do sol; os dias passam iguais, gerações passam, e a terra continua”. “O que foi é o que se fez, isso se tornará a fazer; de modo que nada há de novo debaixo do sol.” (Ec. 1.9). E que há um tempo para cada coisa.

E este tempo, para cada coisa, é o que veremos nas fases literárias machadianas, as quais que são classificadas, em dois momentos: o primeiro temos a fase romântica: *Ressurreição* (1872); *A mão e a luva* (1874); *Helena* (1876); *Iaiá Garcia* (1878); a segunda fase, um período mais maduro: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908).

Já com a chegada da maturidade e com as leituras mais complexas de outros estudos filosóficos, bem como o frequente estudo de *Eclesiastes*, Machado sai da paráfrase e do tom ingênuo das primeiras letras. Seu discurso ganha complexidade, uma análise psicológica densa, uma visão do mundo pessimista e irônica. Machado trata de maneira explícita e com humor, às vezes sarcástico, o que a sociedade esconde, como a inveja, a hipocrisia, vaidade, egoísmo, ambição, injustiças, traição, dissimulação, o outro eu do ser humano. Ele também traz nas suas narrativas o outro lado da burguesia do século XIX, que só se preocupava com a ascensão financeira.

Nesta fase madura, temos o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que é tido como o verdadeiro divisor de águas. Roberto Schwarz, em *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, ao estudar *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, observa que por várias razões esta narrativa é um divisor de águas na literatura brasileira. Um desses é que o leitor irá se defrontar com um Machado de Assis diferente do que até então ele estava acostumado. Em *Memórias Póstumas*, afirma Schwarz (2000, p.21), “o tom é de abuso deliberado, a começar pelo contrasenso do título, já que os mortos não falam.” Nesta obra, o narrador-escritor é zombeteiro, irônico, cético, um autor que não se importa em profanar o Pentateuco. Para Kenia Pereira, “este Machado pedante tenta comparar *Memórias Póstumas* à *Bíblia*, frisando de forma cortante: “Moisés que também contou a

sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: a diferença radical entre este livro e o *Pentateuco*.” (PEREIRA, 2014, p. 193).

Machado de Assis reafirma o *Eclesiastes*, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando Brás Cubas estava perto da morte em delírio febril. Este personagem contempla um ser que o leva para ver o passado, o presente e o futuro, começando com a origem do século: “[...], as gerações que se superpunham as gerações, uma tristes, como os Hebreus do cativo. E termina dizendo: “Hás de ser sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa... sempre a mesma coisa.” (ASSIS, 1978, p.10). Dessa forma, em vários momentos das obras machadianas, podemos detectar o profundo conhecimento de Machado das Sagradas escrituras.

Machado de Assis era de origem humilde e, ainda menino, foi trabalhar como aprendiz de tipógrafo na gráfica de Paula Brito, onde era impresso o jornal *Marmota Fluminense*. Assim, é pela porta do jornalismo que Machado se torna cronista, poeta, crítico literário e teatral, tornando-se um respeitado intelectual para os seguintes jornais e revistas cariocas: *Correio Mercantil*, *O Espelho*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Semana Ilustrada*, *Jornal das Famílias*, dentre outros periódicos.

Também as leituras de filosofias diversas fazem com que Machado de Assis se torne cético quanto à religião. Ele recebeu influência significativa de Charles Ribeyrolles, Blaise Pascal,, Enest Renan e Schopenhauer. Também foi influenciado pelos grandes autores ocidentais como Cervantes, Flaubert, Edgar Allan Poe, Swift, Dickens, Victor Hugo e outros. De Renan, Machado leu somente a obra: *A vida de Jesus*, mas, este livro, extremamente anticlerical e agnóstico, muito afetou o pensamento de Machado. Encontramos a seguinte citação no livro: *Machado de Assis impostura ao realismo, uma reinterpretação ao Dom Casmurro*, de John Gledson (1991, p.159): “[...] O próprio Machado era um grande admirador de Renan, cuja

história da Igreja Primitiva é uma narrativa deste processo; nem deveríamos subestimar sua familiaridade com os escritores cristãos e principalmente, com a *Bíblia*.”

As leituras não só de Renan como também de Arthur Schopenhauer, Espinoza e Montesquieu despertaram o interesse e a atenção de Machado de Assis para uma visão mais melancólica e mais crítica das relações humanas. Provavelmente foi essa a visão que Machado de Assis passou a ter nas histórias bíblicas. Segundo Massa (1971), Machado teve uma outra influência significativa que era a de um dos grandes mestres do pensamento do século XIX, como, por exemplo, Eugène Pelletan, que o fez mergulhar nas filosofias da religião:

[...] Ao longo do seu livro *La Loi du Progres* (1852), Pelletan revelou a existência de um Deus do Progresso em harmonia com o século. Esta obra, que se tornou por algum tempo a Bíblia de Machado de Assis. (MASSA, 1971, p.211)

Com todas essas novas ideias filosóficas, sua visão de mundo ganha outra dimensão. A maneira de encarar a fé, os homens, a sociedade e sua maneira de escrever seus poemas, contos e romances acompanharam essas mudanças bruscas. Lúcia Miguel Pereira (1988) nos explica como foi esse novo divisor de águas nas obras de Machado de Assis:

Pouco a pouco; à medida que se ia afirmando, foi perdendo todas as crenças. E só quando chegou à descrença total, à descrença no céu e na terra, em Deus e nos homens, é que produziu as suas grandes obras. (PEREIRA, 1988, p.62)

E foi assim, depois de perder a crença nos homens e nas religiões que Machado de Assis começou uma nova fase na literatura brasileira, com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a qual ele mescla filosofia cética, além de citações bíblicas. Curioso que mesmo se declarando agora descrente no futuro e na bondade humana,

Machado ainda continua tendo a *Bíblia* como leitura de todos os dias. Mas, agora, esta leitura ganha uma outra dimensão: uma vertente mais complexa, mais densa, mais ácida e mais crítica da sociedade e das relações humanas.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado, de maneira irônica, trata de vários assuntos como escravidão, classe social, cientificismo e positivismo, além da paródia sobre o humanitismo, que nada mais é que uma visão positivista da época sobre o pensamento de Darwin. O Humanitismo residia sob o princípio da vida e reside em toda parte, mostrando que a dor e a violência são inerentes ao ser humano e que, na luta pela vida, a vitória do mais forte é natural:

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem a paz e as batatas do campo? Não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. [...] Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. (ASSIS, 1978, p.5)

Esta alegoria do Humanitismo também representa os moldes europeus que a sociedade brasileira tentava copiar no século XIX. Enquanto a elite aparentemente parecia desenvolvida, ou seja, nutrida por escravos e trabalhadores “livres” que dependia da sociedade burguesa. Roberto Schwarz (2000, p.22) comenta que: “A transformação arquitetônica era superficial. Sobre as paredes de terra, erguida por escravos, pregavam-se papéis decorativos europeus ou aplicavam-se pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, como os interiores das residências dos países em industrialização.”

Machado de Assis não só desmascarava as aparências da sociedade burguesa, mas também procurava mostrar a face oculta da Igreja do século XIX, como nos é explicado pelo pesquisador Valdeci Borges:

Os padres glutões e os padres em mancebia, desta forma sua descrença para com a Igreja advém de modo mais direto, da percepção dessas práticas desviantes, viciadas e contraditórias. O que nos ajuda a compreender seu afastamento das atividades católicas, inclusive, na hora da morte, negando-se os últimos sacramentos, embora afirmasse que não era “absolutamente” materialista. (BORGES, 2002, p.21)

Tudo isso fez com que ele voltasse suas obra aos ideais políticos e sociais, mesclando o seu conhecimento das narrativas bíblicas com leituras filosóficas agnósticas, ou como nos explica Eugênio Gomes: “Machado de Assis recebeu impressões e o influxo, direta e indiretamente, com maior ou menor intensidade, de Shakespeare, Swift, Fieldina, Sterne, Lamb, Thanckeray e Dickens.” (GOMES, 1976, p.13). Estas leituras foram essenciais para que ele abandonasse as convenções da sua primeira fase e partisse definitivamente para uma nova visão literária.

A *Bíblia*, como dissemos antes, será sempre retomada, mesmo nesta segunda fase, mas agora pelo avesso, de forma humorística ou paródica. No romance *Dom Casmurro*, por exemplo, no qual Bentinho tem que cumprir um voto imposto por sua mãe que é muito religiosa, de ser um sacerdote, pois, ela perdera seu primeiro filho e fez o voto de que se seu segundo filho sobrevivesse ele seria padre. E quando Bentinho se apaixona ainda moço por Capitu, ele espera que algo acontecesse, assim como aconteceu na história bíblica, referindo-se ao sacrifício de Isaac:

[...] Como Abraão, minha mãe levou o filho ao monte da Visão, e mais a lenha para o holocausto, o fogo e o cutelo. E atou Isaac em cima do feixe de lenha, pegou o cutelo e levantou-o ao alto. No momento de fazê-lo cair, ouve a voz do anjo que lhe ordena da parte do Senhor: “Não faças mal algum a teu filho; conheci que temes a Deus.” Tal seria a esperança de minha mãe. (ASSIS, 1978 p.152)

E o mesmo aconteceu com Bentinho, ele chega a ir para o convento, mas antes de ser ordenado padre, outra pessoa é ordenada em seu lugar, o sacrifício é feito, o voto está pago. Há várias outras referências e passagens bíblicas na obra, mas uma muito interessante é a da morte de Ezequiel, suposto filho de Bentinho e Capitu:

Onze meses depois, Ezequiel morreu de uma febre tifóide, e foi enterrado nas mediações de Jerusalém, onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição, tirada do profeta Ezequiel, em grego: “Tu eras perfeito nos teus caminhos.” (ASSIS, 1978, p.248).

O filho tão esperado de Capitu e Bentinho recebe um nome bíblico: Ezequiel. Ezequiel era sacerdote e profeta na antiga Israel. Quando Bentinho desconfia que Ezequiel poderia não ser seu filho, dominado pela doença do ciúme, desconfiando da fidelidade da esposa, o nome Ezequiel ganha nesta obra dimensões metafóricas, como podemos ver nas próprias palavras de Bentinho: “Como quisesse verificar o texto, consultei a minha Vulgata, e achei que era exato, mas tinha ainda um complemento: “Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação.” Parei e perguntei calado: “Quando seria o dia da criação de Ezequiel.” (ASSIS, 1978, p.248)

Para Bentinho, Ezequiel foi concebido perfeito até que ele desconfiou de que não era seu filho, e que ele não sabia quando Capitu o concebeu. Mais uma vez, a *Bíblia* foi usada por Machado de maneira irônica para justificar o ciúme e a certeza de que Ezequiel não era filho de Bentinho. Uma vez que na *Bíblia* o profeta Ezequiel era chamado por Deus de filho do homem: “E veio a mim, a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem.” (Ezequiel, 6.1). Afinal de contas na história machadiana, Ezequiel, é filho de que homem? Bentinho ou Escobar?

Machado é também um dos nossos maiores contistas. Muitos desses contos terão, também, um diálogo com as narrativas bíblicas. Num primeiro momento vemos

um Machado mais reverente ao contar as façanhas de Noé no poema *Dilúvio*. Mas no conto paródico *Na arca, três capítulos inéditos do Gênesis*, todo narrado como se fosse um capítulo bíblico, Machado imita, de forma irônica, cada parágrafo com seus versículos. Neste conto, a narração é igual à narrativa bíblica e no enredo teremos a conversa dos três filhos de Noé, onde eles ainda estando dentro da arca, disputam as terras que eles queriam possuir, chegam a discutir e a brigarem agressivamente. Noé é chamado para apaziguar. Noé ordena que a briga acabe e termina dizendo:

26. Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e Rússia?
27. E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.
28. A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo. (ASSIS, 1997, p.100)

Neste conto, vemos o diálogo com o texto bíblico de maneira explícita. Se o leitor não tiver certa intimidade do texto sagrado certamente pensará que ele faz parte da história sagrada. Nele encontramos a rivalidade, a disputa que o ser humano traz dentro de si. Ou seja, Machado vai além do texto bíblico. Acrescenta, distorce, modifica. Neste jogo intertextual pelo avesso ele recria com arte e imaginação o dilúvio bíblico.

Outro conto interessante é *Adão e Eva*, que discute a eterna culpa da perda do paraíso. O conto começa com uma discussão se a culpa pela perda do paraíso era de Eva ou de Adão. Um juiz de fora conta a história que todos os seres humanos queriam que tivesse acontecido e com o diferencial de que fora o Diabo o criador do mundo e Deus ia corrigindo a obra do Diabo. O Diabo também criou o homem e Deus lhe deu a alma, e o casal se torna bom, o Diabo vendo aquilo chama a serpente para fazê-los desobedecer a Deus. E a serpente vai ao jardim e encontra-se com Eva, tenta persuadi-la a pecar com as seguintes palavras:

Justamente. Conheça agora tudo, a origem das coisas e o enigma da vida. Anda, come e terás um grande poder na terra. [...] Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ei Cleópatra. Dido, Semíramis; dirás heróis do teu ventre, e serás Cornélia, ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra escolherás as tuas entranhas, e chamar-te-às Maria Nazareth. (ASSIS, 1978, p.163)

Esse argumento não convenceu a Eva machadiana, mas a história do texto sagrado, o argumento da serpente foi outro: “Então, a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Por que Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e serei como Deus, sabendo o bem e o mal. (Gn, 3.4 e 5). No texto sagrado, Eva comeu do fruto ela e Adão foram expulso do paraíso. No conto machadiano, Eva e Adão resistem à tentação e são levados para o céu. E todos os ouvintes da narrativa protestaram, dizendo que não tinha acontecido daquela maneira e o juiz irônico responde: “Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando neste doce”. (ASSIS, 1978 , p.164). O personagem de Machado procura saber quem é o verdadeiro culpado pela perda do paraíso, mas, ao mesmo tempo, não queria que a história fosse diferente da contada na *Bíblia*.

Já o conto *A igreja do Diabo*, traz um enredo intrigante, em que vemos uma alusão à história da queda do Diabo quando ele tenta usurpar o trono de Deus, querendo se igualar a Ele. Nesta narrativa, o Diabo deseja fundar uma igreja, tentando acabar com a igreja de Deus. O capítulo entre Deus e o Diabo lembra o texto bíblico de *Jó*, no qual o Diabo vai ao céu comunicar a Deus do seu intento de fundar uma igreja e chegando lá encontra Deus recolhendo um ancião. E o diálogo lembra a passagem inicial do livro de *Jó*:

Deus escolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

Que me queres tu? Perguntou este.
Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todas
os Faustos de século e dos séculos.
Sabes o que ele fez? (ASSIS, 1978, p.68)

Este diálogo entre Deus e o Diabo no conto machadiano, lembra a seguinte
passagem bíblica:

E vindo um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o
Senhor, veio também Satanás entre eles [...]. Então, o Senhor disse a Satanás:
De onde vens? [...] E disse o Senhor a Satanás: Observaste te o meu servo Jó?
(Jó 1.6,7e8)

Ambas as passagens, tanto a narrativa bíblica como a machadiana, relata o
encontro de Deus e o Diabo e o diálogo em que os dois travam, também, a permissão de
Deus para que o Diabo execute seus planos. O diabo funda sua igreja, esperando
fidelidade humana, mas viu-se decepcionado, observando que o homem não estava
satisfeito com sua igreja, vai reclamar para Deus que lhe responde: “Que queres tu? É a
eterna contradição humana.” (ASSIS, 1978 p.75).

Seguindo ainda nesta mesma linha de raciocínio, ou o diálogo com as histórias
bíblicas, temos a obra, *Esaú e Jacó*, publicada em 1904, obra, aliás, que nos
debruçaremos nesta dissertação. Aqui Machado de Assis faz uma releitura da história
bíblica registrada no livro de *Gênesis*.

Segundo a Bíblia, Esaú e Jacó são filhos de Isaac e Rebeca. Eles são gêmeos,
mas não são idênticos. Naquela época, sob rígido patriarcado, o filho mais velho, o
primogênito, herdava a maior parte da herança e ocupava o lugar de líder na família:
“Sirvam-te povos, e nações se encurvem a ti; se senhor de teus irmãos e os filhos da tua
mãe se encurvem a ti maldito sejam os que ti amaldiçoarem e benditos sejam os que te
abençoarem.” (Gn, 27.29).

No caso de Esaú e Jacó, o direito de ser patriarca era de Esaú, mas Jacó ambicionava essa parte da herança e com a ajuda de sua mãe engana o seu pai e recebe a benção da primogenitura. Os irmãos Esaú e Jacó são rivais, desde o ventre, como nos diz o texto bíblico: “E o Senhor lhe disse: Duas nações há no seu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas; um povo será mais forte do que o outro povo e o maior servirá o menor.” (Gn, 25.23)

Machado de Assis dialoga com essa história bíblica, que lhe serve de apoio literário para sua obra. Na história machadiana temos dois irmãos gêmeos idênticos Pedro e Paulo, assim como Esaú e Jacó, eles também brigaram no ventre da sua mãe, e o objeto de desejo de disputa entre eles era o amor de Flora, mas, a pobre moça, sem conseguir decidir com quem ficar, um dia ela adoece e morre.

Para Affonso Romano de Sant’Anna, *Esaú e Jacó* está irrigado por duas fontes de inspiração mitológica: uma de inspiração bíblico-cristã (os filhos de Isaac) e a outra de inspiração clássico-pagã. (Castor e Pólux). Assim sendo, continua apontando Sant’Anna, “o mito de Esaú e Jacó serve para introduzir a estória ao enfatizar que a rivalidade entre Pedro e Paulo havia, como na narrativa bíblica, se iniciado no ventre da mãe. Já Castor e Pólux apenas ilustram o último capítulo do livro”. (Sant’Anna,1990, p.105).

Em *Esaú e Jacó*, Machado de Assis, portanto, brinca com a milenar história do duplo, mitologia, aliás, presente em quase todas as culturas ocidentais. *Esaú e Jacó* está assim recheada de ambiguidades e de inúmeros significados, Roberto Schwarz (2000, p.18) comenta, por exemplo, que: “no romance machadiano praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ao propósito espiritual.” E na própria obra Machado diz que “todo oráculo tem o falar dobrado.”

Machado de Assis relata a rivalidade de dois irmãos, Pedro e Paulo, e ao mesmo tempo, elabora relatos de acontecimentos históricos muito importantes vivenciados pelo povo brasileiro no final do século XIX, como o Segundo Reinado; a luta pela abolição da escravidão e a assinatura da Lei Áurea, a queda da Monarquia; a Proclamação da República e seus primeiros presidentes (Deodoro e Floriano); o surgimento de novos bancos, a entrada do Brasil na modernidade, a influência da Igreja católica. Valdeci Borges, por exemplo, comenta em seu interessante artigo intitulado “Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis” que as igrejas, muitas vezes, eram locais frequentados, por serem lugares de encontro, de reunião, de mostrar-se e mesmo para ostentar opulência e ou então distinção social. O casal Santos, de *Esaú e Jacó*, por exemplo, não querendo expor-se na sua roda social, mandou dizer missa por alma de um parente pobre na igreja de São Domingos, porque essa não dava "relevância ao ato; não era vistosa, nem buscada, mas velho, sem galas nem gente, metida ao canto de um pequeno largo, adequada à missa recôndita e anônima". (BORGES, 2001, p.59).

Para Ivo Barbieri, não se pode ler *Esaú e Jacó* sem levar em consideração o momento histórico e político da proclamação da república e da libertação dos escravos. Segundo este pesquisador estes eventos não são meros assuntos aleatórios. Eles “interagem no tempo narrativo como parte integrante do universo imaginário”. (BARBIERI, 1995, p.21).

Mas, embora saibamos que as questões políticas e sociais sejam de suma importância no romance *Esaú e Jacó*, o que nos interessa, contudo, com mais propriedade, nesta dissertação, é a problemática antiga do conflito e rivalidade entre irmãos, ou seja, a questão do mito do duplo.

O duplo, Pedro e Paulo, estes irmãos gêmeos seriam, portanto, uma alegoria da oscilação político-econômica do país no século XIX. Eles representariam a dualidade

que caracteriza o ser humano. Assim como Esaú e Jacó que, na história da *Bíblia Sagrada*, aponta para a constituição da nação israelita e edonita e a briga por uma “benção.”, continua na rivalidade política dos rapazes cariocas.

Esaú e Jacó foi lançado em setembro de 1904, depois de um longo período sem publicar, Machado surpreende os leitores e a crítica com este polêmico romance. Segundo Magalhães Júnior:

No período mais atribulado, com o agravamento da doença de sua esposa, é que seu novo romance, *Esaú e Jacó*, chegou inesperadamente às livrarias, no segundo semestre de 1904, sem notícias prévias na imprensa, ou mesmo comunicação aos amigos, como era do feitio discreto e reservado do autor. (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p.198)

A crítica literária da época reagiu com surpresa e admiração ao ler a nova obra literária de Machado de Assis. Alguns até mesmo chegaram a colocar a obra como a melhor que as demais escritas por Machado de Assis. Assim, Mário de Alencar publica na coluna do *Jornal de Comércio*:

De um livro de Machado de Assis não se pode dizer apenas que é bom, por que fora ser supérfluo; nem dizer que é banal ou ruim, para se não negar a luz do sol. Que hei de afirmar, então, deste último livro, *Esaú e Jacó*. Direi que é melhor do que *Dom Casmurro*, como este é melhor que *Quincas Borba*, e *Quincas Borba* é melhor que *Brás Cubas*. Acrescentando que *Brás Cubas* é admirável e por circunlóquis, a impressão que tive de *Esaú e Jacó*. (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p.201)

Outro a fazer grandes elogios na “*Crônica Literária*” sob o pseudônimo de J. dos Santos, foi Medeiros e Albuquerque:

Dizia abster-se de analisar longamente o romance; porque a beleza é a sedução dos livros do autor do *Dom Casmurro* (que é, para mim, a melhor das suas obras), está principalmente na graça do estilo! Continuara, porém, a tecer considerações: ‘Leve, irônico, sutil, disfarçado as observações mais profundas sob frases breves e despretensiosas, Machado de Assis é, no *Esaú e Jacó*, o mesmo escritor de *Brás Cubas*, de *Quincas Borba*, de todos os seus grandes livros anteriores. (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p.201)

Muitas foram as críticas positivas diante deste novo livro de Machado de Assis. Machado queria que *Esaú e Jacó*, fosse, aliás, o seu último livro. Segundo Márcia Giundim (2000, p.23): “*Esaú e Jacó*, publicado em 1904, lido e revisado por Carolina, a mulher do escritor”, contem informações confirmadas por outros biógrafos e em cartas de Machado de Assis, como esta a Joaquim Nabuco: “[*Esaú e Jacó*] foi certamente o último volume que a minha companheira folheou e leu trechos, esperando fazê-lo mais tarde, como aos outros que ela me viu escrever. Cá vai o volume para o pequeno móvel onde guardo uma parte das lembranças dela”.

Cada vez mais doente, e mesmo nos seus últimos momentos de vida, rejeitou a extrema unção. Foi rebelde e coerente com suas convicções até o fim da vida. Segundo Magalhães Junior (1981, p.360): “Não quis Machado que chamassem padre para assisti-lo nos últimos momentos e dar-lhe a extrema unção. Achou que seria hipocrisia. Perdera a fé na mocidade, nos tempos em que escrevia poesias cheias de sentimentos religiosos”.

Morre no dia 29 de setembro de 1908, na sua casa no Cosme Velho. Em seu funeral, Rui Barbosa discursou emocionado, em nome da Academia Brasileira de Letras, afirmando que a vida do autor de *Memórias Póstumas*, foi sempre antitética, “dividida entre o ideal e a rotina”.

Machado de Assis, quando moço, um cristão singelo, mas que trazia as sementes da rebeldia. Em adulto, perde a fé, mas sempre dialogou com a *Bíblia*. À medida que seu ceticismo frente à condição humana crescia, desenvolvia com mais complexidade a arte da palavra. Sua vida talvez seja o maior exemplo de que “Todos os contrastes estão no homem”. (ASSIS, 1978, p.85).

CAPÍTULO III

Esaú e Jacó: o mito do duplo e a Bíblia em Machado de Assis

A história dos irmãos *Esaú e Jacó*, está registrada no primeiro livro da *Bíblia Sagrada*, intitulado *Gênesis*, cuja forma hebraica desse nome é “*Bereshith*”, significando os princípios, as origens. Este livro é a introdução à *Bíblia* toda, narrando o começo da criação dos céus e da terra, do homem e do pecado, do sacrifício e da promessa de redenção, do casamento e da família, do homicídio, das línguas e da nação de Israel.

Segundo uma antiquíssima tradição hebraico-cristã teria sido Moisés quem teria composto o *Gênesis*, tendo em vista antigos documentos existentes em seus dias. Quanto à data da escrita do livro de *Gênesis* é de 1445-1405 d.c. e toda a história abrange um período de 2370 anos – da criação à morte de José. Segundo Esequias Soares:

Em 1753, um médico francês chamado Jean Astruc publicou um livro intitulado *Cojecturas a respeito do Memorando Original que Moisés teria Usado na composição do livro de Gênesis*. Nesta obra, ele defende a tese de que Moisés teria usado dois documentos principais, um ele chamou Eloístico- porque se emprega o nome hebraico Elohim “Deus”, identificado pela letra “E”. O outro chamou de Javístico- por que se emprega o nome “Jeová”, ou “Senhor” em nossas versões da Bíblia, identificado pela letra “J”“J”. (SOARES, 2000, p.84)

Isto explica a escrita sobreposta na composição de *Gênesis* e também a diversidade de gêneros encontrada nela. O crítico literário Harold Bloom aponta ainda uma importante explicação da diversidade de gêneros encontrados por Damrosch no livro de *Gênesis*:

Se considerarmos apenas o Gênesis, o texto na realidade não contém três épicos, mas três formas literárias bem distintas: um épico da criação – e dilúvio, uma coleção de sagas, uma novela sapiencial. (BLOOM, 1992, p.31)

Dentre estas histórias sapienciais, uma das mais intrigantes, poderemos ler em *Gênesis*, especificamente no capítulo 25, onde começa-se o relato da história de Esaú e Jacó. Conta-se que o pai de Esaú e Jacó era Isaque, filho do patriarca Abraão e de Sara. Isaque casa-se com Rebeca, e como já estava velho e não tinham filhos, ele orou a Deus, como se consta no seguinte escrito “E Isaque orou instantemente ao Senhor por sua mulher, portanto era estéril, e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu.” (Gn 25.21)

Rebeca sentindo que algo não estava bem em sua gestação consulta a Deus. “E os filhos lutavam dentro dela; então, disse: Se assim é, por que sou eu assim? E foi-se a perguntar ao Senhor.”(Gn25.22)

Deus fala para Rebeca que se tratava de dois filhos e indica como ambos seriam no futuro, destacando que eles representariam duas nações: “E o Senhor lhe disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas: um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.”(Gn25.23)

No que se refere ao nascimento dos gêmeos, está registrado:

E, cumprindo-se os seus dias para dar à luz eis que se achavam gêmeos no seu ventre. E saiu o primeiro, ruivo e todo como uma veste de cabeluda; por isso, chamaram a seu nome Esaú. E, depois, saiu o seu irmão, agarrado sua mão ao calcanhar de Esaú; por isso, se chamou o nome Jacó. (Gn 25.24-26)

Esse trecho já sugere a luta de Jacó para ser o primogênito. Quando cresceu, Esaú tornou-se perito na caça, porém Jacó se tornou lavrador e morava em tendas. Para reforçar ainda mais as diferenças entre os gêmeos, o pai Isaque amava mais a Esaú, já

Rebeca amava a Jacó. “E amava Isaque a Esaú, por que a caça era de seu gosto; mais Rebeca amava a Jacó.” (Gn. 25.21)

O primeiro filho homem recebia, antes de seu pai ao morrer, a benção da primogenitura. Essa benção consistia num pacto que Deus havia feito com o primeiro patriarca Abraão, para quem assumiria a liderança na adoração a Deus e na chefia da família.

[...] E estabelecia o meu concerto entre mim e ti, e tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para ti ser a ti por Deus e a tua semente depois de ti. E te darei à tua semente depois de ti a terra de Canaã em perpétua possessão, e ser-lhe-ei o seu Deus. (Gn. 17.7)

Nota-se que o acordo de Deus com Abraão prometia a este a terra de Canaã (hoje Israel), em troca da obediência e a adoração de sua descendência. Esaú desprezava esta benção e, por um prato de sopa, vende-a para Jacó. “Então disse Jacó: Vende-me, hoje, a tua primogenitura. Eis que estou a ponto de morrer, e para que me servirá logo a primogenitura? Então, disse Jacó: Jura-me hoje. E jurou-lhe e vendeu a sua primogenitura a Jacó.” (Gn 25.33)

Isaque já se encontrava velho e cego, percebendo que seus dias estavam chegando ao fim, manda chamar Esaú e pede para ele lhe preparar uma caça. Rebeca, ouvindo tudo, prepara uma caça para que Jacó levasse a seu pai no lugar de seu irmão. Jacó cobre suas mãos e veste as roupas de Esaú e leva a caça preparada a seu pai. Não reconhecendo a farsa, Isaque abençoou o filho mais novo. “E não o reconheceu, portanto as suas mãos estavam cabeludas, como as de Esaú, seu irmão. E o abençoou.” (Gn 33.4)

Quando Esaú descobre o que tinha acontecido, sai à procura de Jacó para matá-lo. Por isso, Rebeca manda Jacó fugir para a casa de seu tio Labão. Lá Jacó casa-se com duas filhas de seu tio, Léa e Raquel, com as quais tem doze filhos.

Anos depois, Jacó decide voltar à terra de seu pai. Para isso, tinha que passar pelas terras onde Esaú habitava. Quando chegou perto, mandou sua família ir à frente e quando o dia raiou, Jacó saiu ao encontro de seu irmão temendo a sua ira, mas Esaú correu ao seu encontro havendo uma reconciliação entre eles: “Então, Esaú correu-lhe ao encontro e abraçou-o, e lançou-se sobre o seu pescoço e beijou-o; e choraram.” (Gn 33.4)

Assim, a história bíblica de Esaú e Jacó é uma das narrativas mais belas e intrigantes, daí o motivo de podermos extrair dela as mais variadas interpretações e fazermos várias reflexões. Como já foi visto em capítulos anteriores, as histórias bíblicas são relevantes para a literatura e para a compreensão da mesma, é importante o conhecimento delas para o entendimento de grandes clássicos literários.

E um desses clássicos literários, escrito por Machado de Assis é o romance *Esaú e Jacó*, em que o autor apropria-se livremente de personagens bíblicos, indo além do que a narrativa bíblica expõe, criando polêmicas e desconstruindo o sentido da história dos irmãos gêmeos bíblicos. Machado de Assis, assim demonstra que o diálogo entre texto literário e texto bíblico tem caminhos diversos, mas podem dialogar.

O romance de Machado de Assis, *Esaú e Jacó*, conta a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade e Santos. A história começa com Perpétua e Natividade indo ao Morro do Castelo consultar a cabocla Bárbara, conhecida pelas suas previsões. Natividade queria saber sobre o futuro de seus filhos.

Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o Morro do Castelo por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que já reinava em 1871, era-lhe tão estranho e remoto como o clube. (ASSIS, 1978, p.19)

Natividade e Perpétua chegam ao morro e entram discretamente na casa da cabocla, onde são recebidas pelo pai da advinha. Enquanto ele cantava, Natividade entrega para a cabocla as fotos dos filhos e os cabelos cortados.

A cabocla pergunta para Natividade se os bebês tinham brigado no ventre: “_ Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra”? (ASSIS, 1978, p.22)

Então Natividade lembra-se de que não teve uma gestação sossegada. A cabocla, por sua vez, revela o futuro de Pedro e Paulo.

Serão grandes, oh! Grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe que tem? Lá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só que lhe digo. Quanto à sua qualidade de glória, cousas futuras. (ASSIS, 1978, p.23)

Depois de saírem da casa de Bárbara, ao chegarem à esquina da Rua da Misericórdia, encontraram um homem pedindo esmolas para as almas, Natividade dá ao homem uma nota de dois mil réis e segue ao encontro de seu marido, Agostinho Santos.

Natividade conta a Santos as revelações feitas pela cabocla e lhe pede que não revele a ninguém sobre a briga dos filhos no ventre.

Quando Pedro e Paulo nasceram foi uma surpresa para os pais, uma vez que eles estavam mais velhos: “Aos trinta anos não era nem cedo nem tarde; era imprevisto. Santos sentiu mais que ela o prazer da vida nova. Eis aí vinha a realidade do sonho de dez anos, uma criatura tirada da coxa de Abraão.” (ASSIS, 1978, p.32)

Quando eles nasceram, viram que se tratava de gêmeos idênticos. “No dia sete de Abril de 1870 veio à luz um par de varões tão iguais, que antes pareciam sombra um do outro, se não era simplesmente impressão do olho, que via dobrado.” (ASSIS, 1978, p.37). Os nomes foram escolhidos por Perpétua, tia dos dois, quando rezava o credo “_

Pedro e Paulo, disse Perpétua à irmã e ao cunhado, quando rezei estes dois nomes senti uma coisa no coração.” (ASSIS, 1978, p.38)

Apesar de Natividade ter pedido para Santos não consultar seu amigo espírita, doutor Plácito, Santos vai à casa desse doutor e encontra-se com Aires, um diplomata. Santos conta sobre a visita de Natividade à cabocla, inclusive sobre a briga de seus filhos no ventre. Eles chegaram à conclusão que os filhos de Santos eram as reencarnações bíblicas dos apóstolos Pedro e Paulo com base na passagem bíblica registrada em Gálatas, capítulo 2, versículo 11, onde Paulo repreende Pedro: “E, chegando Pedro à Antioquia, lhe resiste na cara, por que era repreensível.” (ASSIS, 1978, p.52)

Os gêmeos foram crescendo semelhantes por fora, no entanto, Pedro era mais dissimulado e Paulo era mais agressivo. Quando brigavam, Natividade procurava mostra-lhes que não podiam brigar, pois eram irmãos. Assim dizia Natividade: “[...] meninos bonitos não brigam, ainda menos sendo irmãos. Quero vê-los quietos e amigos brincando juntos sem rusga nem nada. Estão entendendo?” (ASSIS, 1978, p.57)

Pedro e Paulo cresceram sempre com alguns ciúmes e intrigas entre eles. Paulo torna-se médico de partido republicano liberal, já Pedro era advogado e conservador monarquista. Ambos se apaixonaram por Flora, filha única do casal Batista e Cláudia e começam a cortejá-la, mas a moça não decide a quem amava e nem a quem escolheria para noivo. Flora confessa: “Ai, duas almas no meu seio moram.” (ASSIS, 1978, p.174) Afinal, Flora, como bem aponta Carla Neves, se encontra na encruzilhada inevitavelmente afeta às ações desses gêmeos, uma vez que os mesmos já, antes do nascimento, pareciam denunciar uma insanável rivalidade”. (NEVES, 2000, p.92)

Ainda para Carla Neves, esta “rivalidade dos gêmeos mantém-se, discordando os mesmos em tudo, até no que diz respeito às sombras da lua, que para Pedro eram "nuvens" e para Paulo "falhas da nossa vista". (NEVES, 2000,p 92).

Infelizmente, sem motivo aparente, Flora adoece e morre. Morte que, ironicamente, une os irmãos. Quando Pedro e Paulo saem do enterro, resolvem se reconciliar.

Porém, após um mês, devido aos gêmeos irem ao cemitério visitar o túmulo de Flora sem comunicar um ao outro sobre suas intenções, sentem-se traídos e voltam a ter a mesma rivalidade de antes. Depois disso, eles se tornam deputados de partidos opostos.

No leito de morte de Natividade, Pedro e Paulo juram à mãe que seriam amigos, conforme se lê: “Vocês vão ser amigos. Sua mãe padecerá no outro mundo, se os não ver amigos neste.” (ASSIS, 1978, p.233)

Depois da morte de Natividade, Pedro e Paulo ficaram unidos. Todavia, após uma viagem, eles passaram a se comportar como antes da morte da mãe. Num dia um amigo deles pergunta para o conselheiro Aires o que os fizera mudar. Aires responde que eles não mudaram, eram os mesmos: “Aires sabia que não era a herança, mas não quis repetir que eles eram os mesmos, desde o útero.” (ASSIS, 1978, p.23).

Aliás, a ambiguidade dos irmãos move todo o romance. Nem mesmo o narrador escapa da dubiedade. Lembremos que a narração é atribuída ao conselheiro Aires, do romance, *Memorial de Aires*, mas ele também aparece como personagem referido em terceira pessoa. Para Roberto Schwarz, a grande novidade de *Esau e Jacó* é o que confere o jogo antitético dessa narrativa, é o fato do narrador ser humorístico e “agressivamente arbitrário como um princípio formal, que sujeita as personagens , a

convenção literária e o próprio leitor, sem falar na autoridade da função narrativa, a desplantes periódicos. As intrusões vão da impertinência ligeira à agressão desabrida”.

(SCHWARZ, 2004,p.9).

Para construir o romance neste eixo da ambiguidade e do paroxismo apontado por Roberto Schwarz, Machado de Assis foi beber com propriedade na história bíblica dos gêmeos Esaú e Jacó, como também em outros contos da Sagrada Escritura que terminam também de forma geralmente trágica, como Caim e Abel e Sem e Jafé. Não podemos nos esquecer de que a doutrina judaico-cristã se estrutura em elementos dualistas, permeados por concepções antitéticas, como Deus versus demônio, Corpo versus espírito, Céu versus inferno. Assim, quase todo ensinamento judaico-cristão está organizado na simbologia do duplo.

Mas, se Machado parodia em *Esaú e Jacó* esta concepção judaico-cristã que se estrutura na ambiguidade dos opostos, este autor também bebeu em outras fontes para recriar o mito do duplo. Machado era também era um bom leitor, além de um grande conhecedor dos clássicos gregos e da mitologia universal, principalmente a questão do mito do duplo que aparece nas narrativas greco-romanas.

O estudo do mito nas obras literárias é muito antigo. Vários pesquisadores vêm, ao longo do tempo, apresentando conceitos importantes para a compreensão deste fenômeno, que, muitas vezes, é de difícil definição. Mircea Eliade explica, por exemplo, que:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças as façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (ELIADE, 1972, p.15)

Já para Claude Lévi-Strauss, “O mito provém da ordem da linguagem humana, e faz parte integrante dela, entretanto, a linguagem, tal como é utilizada no mito, manifesta propriedades é utilizada no mito, manifesta propriedades específicas.” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.242). Joseph Campbell, por sua vez, considera, em *O Poder do mito* que os “Mitos nos mostram parte de nós mesmos, são indicadores do funcionamento da dinâmica da mente humana, a interação entre os diversos aspectos e arquétipos da psique, ou seja, as forças que operam em nosso mundo interior”. Já para Jung, “nos mitos e contos de fadas, como no sonho, a alma fala de si mesma e os arquétipos se revelam em sua combinação natural como formação, transformação, eterna recriação do sentido eterno.” (JUNG, 2003, p.214)

Entendemos assim que o mito conta, explica e revela, como se compôs o quadro das questões da origem. Além disso, o mito permite que aproximemos melhor dos desejos, medos e sonhos da alma humana. Fernanda Sylvestre (2008), apresenta-nos uma interessante definição de mito em sua tese de doutorado. Para esta pesquisadora:

O mito também teve sua origem na oralidade, porém não era narrado como entreterimento, já que, entre outros aspectos, propunha-se a explicar eventos gerais, como os elementos da natureza (raios, trovões etc.). O mito está ligado a um saber coletivo, pois é de conhecimento de todos, caso contrário deixa de ser um mito no sentido de “verdade”. Muitas vezes, está relacionado com o aspecto religioso ou com a religiosidade de um povo. É também poesia, enquanto forma figurada do se humano transmitir suas crenças. (SYLVESTRE, 2008, p.47)

O mito é uma narrativa em que a sociedade espelhou suas reflexões sobre a existência de tudo, Frye (2004, p.59) complementa que: “A cultura verbal de uma sociedade pré-discursiva consistirá em grande parte de histórias [...] seja sobre seus deuses, sua história, leis, seja sobre sua estrutura de classe.” E ainda para o referido teórico a mitologia ajuda a criar uma história cultural.

Do oral, o mito passa a ser representado na forma escrita, tornando literário e passando a ser fonte de diálogo entre vários autores:

À medida que a literatura se desenvolve, as lendas e os contos do populário tornaram-se partes de sua matéria-prima. Na literatura ocidental Dante e Milton escolheram seus principais temas a partir da área mítica; Chaucer e Shakespeare ficam com as lendas e os contos. Este processo é possível graças à analogia estrutural, senão identidade, entre a estória profana e a sagrada. (FRYE, 2004, p.65)

Diante do exposto, fica evidente que o mito também está ligado às histórias sagradas, dentro de uma cultura religiosa de um povo, repassada através da narrativa oral até ser registrada na escrita. Assim, temos, tanto os mitos que são considerados sagrados nas culturas judaico-cristã, como temos os mitos pagãos e laicos do mundo profano, Mircea Eliade (1972) observa que os mitos são histórias consideradas sagradas e verdadeiras, pois referem-se a realidade e por ser obra dos Entes Sobrenaturais, ela também nos explica que “vivemos” o mito:

“Viver” os mitos implica, pois, uma experiência verdadeiramente “religiosa”, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida quotidiana. A “religiosidade” dessa experiência deve-se ao fato de que, ao reatualizar os eventos fabulosos, exaltantes, significativos, assiste-se novamente às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais; deixa-se de existir no mundo de todos os dias e penetra-se num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais. (ELIADE, 1972, p.18)

Toda e qualquer sociedade humana revive de geração a geração uma crença religiosa seja qual ela for e como Frye nos expõe: “Como forma do pensamento imaginativo e criativo, o mito não avança com o crescimento da sociedade e da tecnologia, mas também não é abolido por eles.” (FRYE, 2004, p.64). Seja ela qual for a crença que cada sociedade revive, a modernidade não consegue abolir da cultura desse povo a explicação de suas origens.

Dentre a diversidade de mitos que existem nestas histórias milenares, o mito do duplo é uma dessas narrativas ancestrais que muito nos seduz e nos deixa intrigados. Quanto ao conceito teórico do mito do duplo na literatura, vamos encontrar a seguinte definição no Dicionário dos mitos literários:

Uma das primeiras denominações do duplo é o do alter ego. No contexto das comédias de Plauto, chamam-se sócias ou menemas, duas pessoas que impressionam pela semelhança de uma em relação à outra, a ponto de serem confundidas. A mesma ordem de idéias encontram-se nas expressões como almas irmãs, almas gêmeas, irmãos siameses... O termo consagrado pelo movimento romantismo é o doppelgänger, cunhado por Jean-Paul Richter em 1796 e que se traduz por “duplo”, segundo eu. Significa literalmente aquele que caminha lado a lado, companheiro de estrada. Endossamos a definição dada pelo próprio Richter; assim designamos as pessoas que se vêem a si mesma. (Dicionário de Mitos literários, 1998, p.261)

Seguindo os conceitos de mito do duplo nas narrativas literárias, Otto Rank (1939, p.7) nos esclarece que: “Como geralmente acontece com os temas populares da literatura, tem este suas raízes no passado remoto, aparecendo no “folk-lore”, nas superstições e em antigos costumes religiosos.” Já Ana Maria Mello observa que:

O duplo é tema recorrente na literatura por tratar e retratar os temas mais inquietantes para o ser humano; a sua identidade e o seu destino. Por isso, o duplo envolve questionamentos como “quem sou eu?” “quem é o outro?”. São indagações perenes do homem que se projetam na criação arquetípicas de todos os tempos. (MELLO, 2007, p.234)

Este questionamento sobre o desdobramento do eu tem início nas narrativas da criação do ser humano, principalmente na narrativa judaico-cristã da criação do homem. A História registrada no livro do *Gênesis*, que é um dos livros mais importante em termos de mitos, pois nele encontramos a história da criação do homem, e, em seguida, vemos a duplicação desse homem, na criação da mulher. Para Ana Maria Lisboa de Mello (2007, p.229) “toda a antítese, toda a cisão, toda fusão, todo fenômeno espetacular inscrevem-se no duplo, o qual está a origem de tudo, já que o próprio Deus,

consciência absoluta, cria o mundo para nele refletir”. E ainda para Otto Rank (1939) a Dupla Personalidade originou-se no amor á própria Personalidade estando ligado a alma e a morte, já que uma vez que Adão ao amar sua semelhança na mulher, teve como consequência a morte.

Em todas as épocas, dentro das crenças e culturas diferentes vamos encontrar histórias relacionadas ao mito do duplo protagonizadas por irmãos gêmeos. O *Dicionário de Termos Literário* (1998, p.264) registra que: “Nas lendas heroicas, o herói gêmeo é aquele que consegue tornar visível no mundo seu duplo. Assim sendo, o gêmeo é, na literatura, a primeira forma de duplo”. Geralmente esse jogo de duplo com irmão gêmeo é retratado em meio a conflitos, como personagens rivais em lutas internas. Já para Otto Rank (1939): “Os gêmeos representam a realização de um indivíduo, que trouxera consigo o seu Duplo visível”. Ainda para esse teórico, dentro do duplo gêmeos, eram tidos como almas duplas, que antes viviam em harmonia e depois caminham para a tragédia e a morte.

A literatura explora o mito do duplo nas narrativas de irmãos gêmeos em todas as épocas. Na Grécia antiga, temos *Menaechmi*, apresentado em 206 a.C. Na literatura inglesa, Shakespeare retratou a duplicidade dos irmãos gêmeos em *Comédia dos Erros*. Na literatura judaico-cristã temos a narrativa dos irmãos Esaú e Jacó, Caim e Abel, Sem e Jafé. Na tradição clássico-pagã, a mais famosa é a dos irmãos Castor e Polux, cujo mito se tornou a história da criação da constelação de Gêmeos. Castor e Pólux aparecem mencionados como título do capítulo final do romance *Esaú e Jacó*.

A história de Castor e Polux é uma das mais interessantes da mitologia grega. Segundo Commelin, em seu *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Castor e Pólux são gêmeos, têm a mesma mãe, mas pais diferentes. Por isso, Pólux era imortal, já que era filho de Zeus, enquanto Castor não era. Mesmo tendo pais diferentes, os dois gêmeos

desenvolveram uma bela amizade. Eles fizeram parte das duas das mais famosas aventuras da Grécia Antiga: a caçada ao Javali de Cálidon e a expedição dos Argonautas. Depois de serem feridos em batalhas, Castor que era apenas filho de Tíndaro, e mortal, não compartilharia com Pólux a glória da imortalidade. O jovem Pólux então suplicou ao pai que não o separasse do irmão. Zeus, comovido com a intensa amizade dos dois, estabeleceu que eles brilharão no firmamento: seriam transformados na constelação de gêmeos. Curioso que, no último capítulo, Machado reveste os gêmeos Pedro e Paulo com a alegoria de Castor e Pólux.

Machado escreve que os irmãos viviam tão unidos, que um deputado ironicamente os apelidou de Castor e Pólux: “Tal era a união que parecia aposta. Entravam juntos, andavam juntos, saíam juntos. Duas ou três vezes votaram juntos, com grande escândalo dos respectivos amigos políticos”. (ASSIS, 1978, p.110).

Machado de Assis, portanto, além da *Bíblia*, também dialogou, de forma paródica, com a mitologia Greco-romana. Observamos, portanto, que o eixo da dubiedade instaurado por Machado em *Esaú e Jacó* é movido também pela força das narrativas pagãs.

A literatura é rica, como dissemos antes, em histórias do mito do duplo, pois eles retratam temas conflitantes da vida humana, além de serem alegorias de fatos históricos sociais. No caso de *Esaú e Jacó* a alegoria da República e da Monarquia. Pedro é monárquico e Paulo é republicano. Desde o início do romance, os irmãos brigam e entram em discórdia por pequenos detalhes, como por exemplo, quando jovens vão a um vidraceiro e Paulo escolhe a moldura estampada de Robespierre e Pedro a de Luís XVI. Em adulto um fará medicina o outro direito. E como bem aponta o escritor:

Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer”. (ASSIS, 1978, p.50)

E assim continuará a rivalidade no campo da política: mesmo depois do advento da República e do fim do Império, os irmãos continuarão a ser rivais, pois “Paulo entrou a fazer a oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regime republicano, objeto de tantas desavenças” (ASSIS, 1978, 211).

Sheila Staudt comenta ainda que a partir da proclamação da República, ”a natureza ambígua dessas duas personagens é reforçada ainda mais. Paulo é, ao mesmo tempo, revolucionário e conservador, possui aspirações modernas, mas com fundamentos arcaicos, pensa no presente mesclado ao passado. Já Pedro é conservador e começa a simpatizar com as ideias republicanas, pregava os propósitos monárquicos, porém substitui-a os gradualmente pelas propostas da república. Esse novo pensamento nos leva a questionar a solidez das opiniões e crenças dessas personagens”. (STAUDT, 2009, p.111).

Já para Homero Araújo, estes irmãos gêmeos são figuras comuns e banais do cotidiano brasileiro e só adquirem substancia e estrutura “enquanto dupla, irmãos siameses”. (ARAÚJO, 1999, p.101). Já Ivan Teixeira em *A apresentação de machado de Assis* aponta que esta obra é mitológica, complexa e ambígua. Há uma polifonia de vozes nas tramas da narrativa que vão da cabocla do morro ao deputado da elite, no entanto, os gêmeos sofrem do problema da dupla personalidade, enquanto é Flora quem define o caráter e a personalidade dos rapazes. (TEIXEIRA, 1987, p.137).

Finalmente, depois da morte da mulher amada, Flora, e das súplicas da mãe, os gêmeos passam a viver em aparente paz. Assim, tem razão Carla Neves ao observar que “Construindo um romance baseado em antíteses e paradoxos, Machado de Assis soube abordar questões prementes do passado, do presente e do futuro. Demonstramos,

assim, a importância do século XIX, nomeadamente de Sigmund Freud, na descoberta do elemento inconsciente e na tomada de consciência do Ser cindido, atomizado, desdobrado”. (NEVES, 2000, p.51).

Diante do exposto, fica evidente que o mito do duplo também está ligado não só às histórias sagradas, dentro de uma cultura religiosa de um povo, repassada através da narrativa oral até ser registrada na escrita, o mito do duplo também servirá como simbologia para o homem cindido e antitético do século XIX.

Assim temos em *Esaú e Jacó* tanto os mitos que são considerados sagrados na cultura judaico-cristã como temos os mitos pagãos e laicos do mundo profano.

O mito do duplo, aliás, é assim dessas histórias ancestrais que muito nos seduz e nos deixa intrigado. Em todas as culturas, por exemplo, como apontamos antes, temos as narrativas em que os personagens principais são irmãos gêmeos. Geralmente são contos trágicos. Quem nunca ouviu contar a história de Rômulo e Remo? Nas mitologias relacionadas ao herói Eneias, os dois irmãos foram amamentados por uma loba até a idade adulta, quando ambos disputam o reinado de Roma. Por discórdia no poder, Rômulo acaba assassinando seu irmão Remo.

O nascimento de irmãos gêmeos é ainda algo insólito e que deixa marcas no imaginário humano. Entre algumas tribos indígenas, por exemplo, entre os ianomâmis, este fenômeno é tido como um mau agouro e uma das crianças, assim que nasce, deve ser imediatamente sacrificada. Entre os povos maias, muitos prestavam culto à deusa da fertilidade – Xochiquetzal – adorada por ser a primeira mulher a gerar gêmeos. Já os Inkas, no Peru, consideravam os sacrifícios de bebês gêmeos ideais para dedicar aos deuses protetores da fome e da peste. Esaú e Jacó estão divididos entre a Monarquia e a República além de estarem divididos sobre o amor de uma mesma mulher. Amor e política seguem aqui de mãos dadas, atormentando os gêmeos de maneira avassaladora, além de reforçar a estrutura antitética do romance.

Assim, este diálogo estabelecido por Machado de Assis com a história sagrada registrada no livro de *Gênesis*, dos gêmeos *Esaú e Jacó*, além de outras histórias da narrativa Greco-romana do duplo, como Castor e Polux, darão suporte ao enredo, onde serão tratados os conflitos socioculturais vividos nos seus dias e sobre questões da alma humana.

Machado de Assis vai explorar grandemente em toda a obra *Esaú e Jacó*, a simbologia do duplo. Todo enredo vai girar em torno da dualidade político-econômica e da dualidade do ser humano como pessoa. Ele deixa isso claro ao dizer que: “Todas as contradições estão no homem”. (Machado de Assis, 1978, p.85). Complementando sobre a ideia que ele tece no enredo do conto *O espelho*, onde ele deixa evidente que cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. Assim, o conto *O espelho* parece antecipar a estrutura ambígua de *Esaú e Jacó*: o ser humano possui duas almas como compreendeu bem o personagem Jacobina. Todos temos uma alma interna e outra externa e isto evita nossa irremediável solidão.

Ao estudar uma obra literária percebemos que ela não é um discurso único inédito, mas uma interação entre textos já existentes, e essa interação entre textos tem por nome intertextualidade. O termo intertextualidade, segundo Nitrini (1997, p.157) “Surgiu na Literatura Comparada na metade do século XX sendo conceituada primeiramente pela crítica francesa Júlia Kristeva, apoiando-se em reflexões e proposições de Bakhtin, apresentados em *La Poétiques de Dostöievski*.” Seguindo esta conceituação de que o texto novo só surge com a absorção de um anterior compreendemos como se dá o diálogo bíblico com a literatura, como os autores buscaram dialogar com suas histórias de transformações de sociedade e humanos. Entendemos, então, que existe várias obras literárias que apropriam-se do discurso

bíblico de maneira explícita ou implícita, com o objetivo de fazer uma releitura para tratar de temas atuais. Assim, poderemos ver como Machado de Assis dialogou com o texto bíblico, criando uma nova versão para a história dos irmãos gêmeos Esaú e Jacó.

Subtende-se que toda produção literária e a interação entre textos, é uma retomada de idéias de outra para fundamentar a fala de alguém, Laurent Jenny (apud Nitrini,1997, p.163) diz que: “A intertextualidade não é uma adição confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos operado por um texto centralizador de sentido.” Em *Esaú e Jacó*, Machado de Assis não repete a história conhecida simplesmente a remodela e a transforma em uma narrativa nova e através da análise da narrativa descobriremos os diálogos presentes, os implícitos e os explícitos, feitos pelo autor. O título da obra é extraído da narrativa bíblica, levando muitos a pensar que a obra tratará de uma história religiosa, o que não acontece, pois a preocupação do autor não é analisar o texto bíblico. Jessyca Nunes Rodrigues (2008, p.5) observa por exemplo que : “O foco principal do diálogo entre a obra de Machado de Assis “*Esaú e Jacó*” e a *Bíblia* é o próprio nome da obra”.

De acordo com o conceito de intertextualidade, há várias formas de apropriação textual sendo uma delas a paródia. Para Paulino, Walty e Cury (1995,p.36):”A paródia é uma forma de apropriação que, em lugar de endossar o modelo retomado, rompe com ele sutil ou abertamente”. Seguindo este conceito, compreendemos melhor como se dá a releitura do nascimento dos gêmeos. Sabe-se que a história bíblica original trata da narrativa do nascimento dos gêmeos Esaú e Jacó, que viveram num período dos patriarcas veterotestamentários, filhos de Isaque e Rebeca. Isaque já velho, vendo que sua mulher era estéril, orou pedindo a Deus filhos e sua esposa já grávida percebe que algo não estava certo com sua gestação e resolve consultar a Deus “E os filhos lutaram dentro dela; [...] E foi-se a perguntar ao

Senhor.” Nascendo Esaú e Jacó, veremos que não são gêmeos idênticos. Já na narrativa machadiana, deixa nos claro que Natividade subindo ao Morro do Castelo para consultar a cabocla Bárbara e ela lhe revela que seus filhos gêmeos, Pedro e Paulo, brigaram ainda no ventre: “Sim, senhora, pergunta se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra.” (ASSIS, 1978, p.54).

Natividade lembra que realmente não teve uma gestação sossegada. Diferente da *Bíblia*, Pedro e Paulo eram gêmeos idênticos fisicamente como lemos: “O rosto comprido, cabelos castanhos, dedos finos e tais que, cruzados os da mão direita de um com os da esquerda de outro, não se podia saber que eram de duas pessoas. Viriam a ter gênio diferente. (ASSIS, 1978, p.37)

Um fator forte no que se trata de intertexto com o texto bíblico é o nome dos gêmeos Pedro e Paulo, são nomes de dois apóstolos que viveram no período do Novo Testamento. Para Laércio Rios Guimaraes (2011, p.111): “Se o título lembra os irmãos da bíblia, os nomes dos personagens nos remetem aos apóstolos Pedro e Paulo considerados colunas do cristianismo.”

A escolha dos nomes foi feita pela tia dos gêmeos, Perpétua, que em uma missa se encontrava rezando o Credo e sentiu que estes eram os nomes escolhidos: “_Pedro e Paulo, disse Perpétua à irmã e ao cunhado, quando rezei estes dous nomes senti uma coisa no coração...” (ASSIS, 1978, p.38). O fato de terem nomes de dois apóstolos não é por acaso, mais adiante dentro da narrativa, encontraremos Santos consultando seu amigo espírita Plácito que traz uma teoria sobre a briga dos gêmeos no ventre usando a história registrada na Carta do Apóstolo Paulo aos Gálatas capítulo 5, versículo 11, onde o referido apóstolo registra o seguinte: “E, chegando Pedro a Antioquia lhe resiste na cara, por que era repreensível.” O motivo dessa desavença entre os apóstolos cristãos está no fato de que o apóstolo Pedro, um judeu conservador, que queria que as

mensagens de Cristo ficassem só entre os judeus e também queria que os novos convertidos ao cristianismo, que eram os gregos, vivessem dentro das leis de Moisés, principalmente no que se refere às restrições alimentares, quanto a Paulo, que era mais liberal e não via distinção entre pessoas, chega a Antioquia e vê Pedro assentado entre os gentios comendo com eles, Paulo não aceita e o repreende, chegando a chamá-lo de dissimulado.

Machado de Assis retoma destes apóstolos bíblicos, pedra fundadora do cristianismo, as mesmas características psicológicas, para construir os personagens Pedro e Paulo, como podemos ler neste trecho: “Pedro era advogado, dissimulado e monarquista; Paulo era médico, mais agressivo, republicano.” (ASSIS, 1978, p.56)

Como a narrativa bíblica está inserida na narrativa machadiana através dos fatos que encontramos nela há outro diálogo intertextual que é o objeto de disputa entre os irmãos gêmeos. No caso bíblico, teremos como objeto de disputa o direito a primogenitura, ou seja, a parte maior na herança o direito de ser o próximo patriarca, esta benção consistia em: liderança na adoração a Deus e chefia da família; uma dupla porção da herança paterna; e o direito à benção de concerto, conforme Deus prometera a Abraão. Como Esaú era o primogênito, essa benção pertencia a ele, mas Jacó ambicionava essa benção e para consegui-la ele engana seu pai com a ajuda de sua mãe e a toma de seu irmão.

Já na obra machadiana, o objeto de disputa entre os irmãos gêmeos Pedro e Paulo, existe de forma diferente da narrativa bíblica. A princípio achamos que por se tratar de disputa entre dois irmãos, a primeira conclusão que temos é que um dia eles brigarão por herança de seus pais, principalmente ao lermos o seguinte texto:

Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito. Quanto a outros, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito, e não a sabendo, por que a Providência a esconde da notícia humana... Se fosse uma causa espiritual, por exemplo... [...] Por exemplo, se as

duas crianças quisessem ajoelhar-se ao mesmo tempo para adorar ao Criador. Aí está um caso de conflito, mas de conflito espiritual, cujos processos escapam à sagacidade humana. Também poderia ser um motivo temporal. Suponhamos a necessidade de se acotovelarem para ficar melhor acomodados; é uma hipótese que a ciência aceitaria; isto é, não sei... Há ainda o caso de quererem ambos a primogenitura. [...] Conquanto este privilégio esteja hoje limitado as famílias régias, à câmara dos lordes e não sei se mais, tem todavia um valor simbólico. O simples gosto de nascer primeiro, sem outra vantagem social ou política, pode dar-se por instinto, principalmente se as crianças se destinarem a galgar os altos desse mundo. (ASSIS, 1978, p.50)

Neste trecho, Machado de Assis, fala de três possíveis objetivos de disputa entre seus personagens, dando-nos a entender que seus gêmeos poderá disputar a herança, mas ao prosseguir a leitura veremos que isto não ocorre, e perguntamos o que eles disputarão? Qual vai se a maior disputa entre eles que ocasionará uma grande rivalidade, se não é a herança o que seria? Este trecho ajuda-nos a responder:

[...] Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já, sem ser precioso que ela os atraísse de vontade. Ao contrário, Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum. (ASSIS, 1978, p.85)

A disputa entre Pedro e Paulo, era conquistar o amor de Flora e ambos os irmãos faziam o que podiam para estarem perto dela. Os gêmeos, embora idênticos, são opostos e concorrentes, uma trama bastante intrigante, um dialogo à altura da narrativa bíblica. E o que é mais surpreendente ainda é o que Machado cria um suspense, afinal, quem ficará com Flora? Mas, “[...] Flora acabou como uma dessas tardes rápidas.” (ASSIS, 1978, p.215). Isso coloca um fim na disputa entre quem conquistaria a bela jovem. Nenhum dos gêmeos conseguem vencer a disputa, como a que ocorreu na história original de Esaú e Jacó. Fábio Figueiredo Camargo (2000, p.260) nos relata sobre a indecisão e a morte da moça Flora, nas seguintes palavras: “[...]É assim que Flora se sente perdida, segundo o narrador, pelo amor dos dois gêmeos. Incapaz de escolher

entre um ou outro, ela acaba por tentar juntá-los em um só. Não conseguindo, “morre entre dois olhos”.

Os fatos dialógicos entre a narrativa bíblica e a machadiana seria a reconciliação entre eles. Quando Jacó foge para casa de seu tio Labão, mora por lá uns anos e decide voltar para sua terra, mas o problema estava em que ele teria que se encontrar com seu irmão. Esaú tinha jurado que o mataria. Mesmo temendo a ira de seu irmão, Jacó retorna com toda a sua família e para surpresa tanto do leitor como de Jacó, eles acabam se reconciliando. “Então, Esaú correu-lhe ao encontro e abraçou-o; e lançou-se sobre o seu pescoço e beijou-o; e choraram.” (1985). Depois deste encontro cada um seguiu seu caminho morando em terras diferentes tornando, assim, duas poderosas nações a de Israel (judeus) e a de Edom.

E os irmãos Pedro e Paulo, como ocorre essa reconciliação?

A reconciliação dos gêmeos machadianos ocorre em dois tempos. O primeiro acontece quando Flora falece: “_Ela nos separou, disse Pedro; agora, que desapareceu, que nos una. Paulo confirmou de cabeça.” (ASSIS, 1978, p.218). Dias depois eles se sentem traídos um pelo outro, voltando novamente a reconciliarem-se diante do leito de morte de sua mãe Natividade: “Vocês vão ser amigos. Sua mãe padecerá no outro mundo, se os não vir amigos neste. [...]. Anda, Pedro, anda, Paulo, jurem que serão amigos. [...] Juro, mamãe!” (ASSIS, 1978, p.233). E por um tempo passam a andar juntos e, com o tempo, cada um segue seu caminho.

Machado de Assis é um autor que elabora em suas obras uma narrativa de multisignificados, nesta em especial ele mesmo declara que “Todas os oráculos têm o falar dobrado, mas entendem-se.” (ASSIS, 1978, p.24) Ele estava se referindo que Esaú e Jacó desenvolve representações simbólicas, da realidade política e uma reflexão sobre

o ser humano dividido e indeciso. Esta atmosfera de incerteza da condição humana da dúvida é tratada desde o princípio do romance por Machado de Assis.

Esse jogo do duplo começa com o título da obra *Esaú e Jacó*. Conforme afirma o crítico Afonso Romano Sant’anna, sobre o mito *Esaú e Jacó* na obra de Machado de Assis: “[...] O mito de Esaú e Jacó, por exemplo, serve para introduzir a história ao enfatizar que a rivalidade entre Pedro e Paulo havia se iniciado, como na narrativa bíblica, no ventre da mãe.” (SANT’ANNA, 2012, p.189)

Para esse crítico, a dualidade começa no título, que ao primeiro momento, o leitor, ao lê-lo, vai identificar com a história bíblica, tendo uma noção de como será o enredo da obra, a rivalidade entre os irmãos gêmeos.

Laércio Rios Guimarães declara que: “As duas análise bíblicas (a de Esaú e Jacó e a de Pedro e Paulo) servem de base para entendermos a visão do duplo dentro da obra de Machado de Assis”.(2011,p.110)

O mito do duplo se encontrará em toda a narrativa já que, Pedro e Paulo são irmão gêmeos idênticos, Machado de Assis expressa que : “aos sete anos eram duas obras primas, ou antes uma só em dous volumes”(1978,p.56), para a pesquisadora Carla Neves (2000,p.32): “Inicia-se, desde já, a afloração do tema do duplo pois, apesar de lutarem desesperadamente em busca de uma identidade que tardaram em alcançar, os gêmeos enfrentavam, de fato, a mesmidade que os caracterizava e os limitava (uma só em dous volumes)”.Dois volumes em um também são as características de *Esaú e Jacó*, tanto no título quanto nos títulos dos capítulos que também sugerem duplicidade, como poderemos ler nos capítulos XV, “*Teste David cum Sibylla*”; XXIV “*Robespierre e Luís*”; XV; XCIV “*Gestos oposto*”; C “*Duas cabeças*”; CVI “*Ambos quais*”; CXVIII “*Coisas passadas, coisas futuras*”. Todos eles nos sugerem que encontraremos alternância de significados, duplicidades e ambiguidades”.

Machado de Assis, ainda brinca com a narração, ao dissimular dois narradores para a obra, sobre esta dissimulação na escrita em Machado de Assis podemos ler na pesquisa de Fábio Figueiredo Camargo (2000,p.255) que:”Essa dissimulação se daria a partir de uma escrita em palimpsesto que traça seus caminhos e descaminhos em meio a história cotidiana e digressões filosóficas mas articuladas com hostilidades para com os leitores, frustrações das vontades destes e a própria idéia de rir desbragadamente do horror do outro.”

Essa dissimulação acontece na narração de *Esau e Jacó* com um narrador em terceira pessoa e outro narrador em primeira pessoa: o personagem conselheiro Aires. É como se um narrador narrasse a memória do outro narrador, um observador e que também dá sua opinião, utilizando da primeira pessoa.

Não me peças a causa de tanto encolhimento no anúncio e na missa, e tanta publicidade na carruagem, lacaio e libré. Há contradições explicáveis. Um bom autor, que inventasse a sua história, ou prezasse a lógica aparente dos acontecimentos, levaria o casal Santos a pé ou a caleca de praça ou de aluguel, mas eu, amigo, eu sei como as coisas se passaram, e refiro-as tais quais. Quando muito, explico-as, com a condição de que tal costume não pegue. Explicações comem tempo e papel, demoram a ação e acabam por enfadar. O melhor é ler com atenção. (ASSIS, 1978, p.30)

O estilo desse narrador lembra o estilo arrogante do narrador de *Brás Cubas*, algo típico do Machado de Assis da segunda fase. Esse narrador onipresente, às vezes, também descreve o conselheiro Aires, sempre trazendo as marcas de duplo sentido:

Aires não pensava nada, mas percebeu que os outros pensavam alguma coisa, e fez um gesto de dois sexos. Como insistissem, não escolheu nenhuma das duas opiniões, achou outra, média, que contentou a ambos os lados, coisa rara em opiniões médias. Sabes que o destino delas é serem desdenhadas. Mas este Aires _José da Costa Marcondes Aires_ tinha que nas controvérsias uma opinião dúbia ou média pode trazer a oportunidade de uma pílula, e compunha as suas de tal jeito, que o enfermo, se não sarava, não morria, e é o mais que fazem pílulas. (ASSIS, 1978, p.47)

Ainda, sobre esse aspecto, em que o conselheiro Aires não gostava de opinar, procurando ser sempre neutro, lemos o seguinte:

Mas eu não dou conselhos a ninguém, acudiu Aires. Conselheiro é um título que o imperador me conferiu, por achar que o merecia, mas não obriga a dar conselhos; a ele só lho darei se me pedir. Imagine agora se eu vou à casa de um homem ou mando chamá-lo à minha para lhe dizer que não seja presidente província. Que razão lhe daria? (ASSIS, 1978, p.122)

Como pode um conselheiro não dar conselhos a ninguém? Mais um jogo de ambiguidades e paroxismos das tramas machadianas. Mais uma vez, o riso irônico e dúbio do narrador tenta deixar ainda mais antitético o enredo arquitetado pelo bruxo do Cosme Velho.

Será esta mais uma dissimulação que Machado de Assis faz nesta obra? E o que é mais intrigante é que encontramos em outras situações o mesmo conselheiro dando conselhos a Natividade em relação aos seus filhos como lemos: “_Quero um conselheiro, conselheiro; é demais, para incomodar o meu marido? Quanto muito, contarei o negócio a mana Perpétua. Acho melhor não dizer nada a Agostinho.” (ASSIS, 1978, p.)

Mesmo Natividade pedindo conselhos, Aires agia mais como um diplomata do que conselheiro, seus conselhos procurava não desagradar é o que lemos na resposta que ele dá a Natividade: “Sempre, não digo; também não digo o contrário. Baronesa, a senhora exige respostas definitivas, mas diga-me o que é definitivo neste mundo.” (ASSIS, 1978, p.90). Ele aconselha e ao mesmo tempo não queria influenciar nas decisões de Natividade, Aires via tudo como um bom diplomata: “[...] Aires fora diplomata excelente, apesar da aventura de Caracas, se não é que essa mesma lhe aguçou a vocação de descobrir e encobrir. Toda a diplomacia está nestes dous verbos parentes.” (ASSIS, 1978, p.202). Era assim que Aires agia mesmo dando conselhos a Natividade, intermediando Pedro e Paulo, ou ouvindo Flora, um diplomata com o título

de conselheiro é mais uma brincadeira que Machado de Assis faz para mostrar os contrastes humanos.

Alfredo Bosi explica melhor esta questão nas seguintes palavras:

Em Esaú e Jacó, Aires personagem não diz tudo o que pensa, por “tédio a controvérsia”, ouve mais do que fala e concilia o quanto pode [...].No romance dos gêmeos, estranha história em que tudo é dobra ou cisão, Aires já atinara com a formula do ouro. A vocação de descobrir e encobrir. Toda diplomacia está neste dois verbos parentes. (BOSI,2000,p.130)

Concordamos plenamente com Alfredo Bosi. A trama de *Esaú e Jacó* vem articulada nas controvérsias do descobrir e encobrir, nos fios das dobras e das cisões.

Encontraremos ainda uma narração dupla, ou seja, narração dentro de uma narração.Em diversas passagens encontraremos Aires escrevendo suas memórias em um livro: “[...] Escrevia-os no Memórial, onde se lê que a consulta ao velho Plácido dizia respeito aos dous, e mais a ida à cabocla do Castelo e a briga antes de nascer, casos velhos e obscuros que ele lembrou, ligou e decifrou.” (ASSIS, 1978, p.103). Em outras partes lemos Aires narrando: “[...] Note que gosto muito dela; acho lhe um sabor particular naquele contraste de uma pessoa assim, tão humana e tão fora do mundo, tão etérea e tão ambiciosa ao mesmo tempo.” (ASSIS, 1978, p.134).

O que Machado de Assis arquiteta com duas narrativas sobrepostas? Márcia Giundim afirma que Machado de Assis ao criar o personagem Aires, estava revelando o duplo dele mesmo ao dizer que: “[...] Machado de Assis vê-se escritor diante de seu duplo; dispõe-se nessa busca de alteridade, através do fazer literário, a uma releitura crítica da própria obra [...]. A identificação biográfica é incontornável: Aires é um outro a partir de si mesmo.” (GIUNDIM, 2000, p.16).

Para outros estudiosos Machado de Assis, nesta obra estava renovando o foco narrativo, e essa nova visão narrativa, com a mistura de dois narradores, poderemos ver que Machado de Assis, poderia ter bebido esse tipo de narração nos contos bíblicos.

Segundo o crítico literário Robert Alter, texto bíblico é, ao mesmo tempo múltiplo e fragmentado e o que imaginarmos estar lendo em um texto estamos lendo uma costura de textos anteriores. Ele ainda nos explica que:

Os estudiosos identificaram como exemplo mais notável desse caráter compósito do texto bíblico os primeiros quatro livros do Pentateuco; análises exaustivas de estilo, consistência de dados narrativos, visão teológicas e premissas históricas demonstram que esses primeiros livros são uma montagem de três linhagens básicas e independentes de documentos – o documento javista (J), o documento eloísta (E) e o documento sacerdotal (S). O primeiro J, pode ser datado do século X a.C., o segundo, E, talvez tenha sido escrito um século depois, e o terceiro, S, parece se fruto do trabalho coletivo de um grupo de sacerdotes, não de um único autor, entre o começo do período do Primeiro Templo e os séculos VI e V a.C. (ALTER, 2007, p.199)

Nesse sentido, podemos partilhar a ideia de que o texto bíblico não é único, ele também é ambíguo, cindido, sombra de uma costura de inúmeras histórias milenares. A própria bíblia é ambígua. Machado sabia disto e vai beber nesta águas antitéticas. Como o texto bíblico não é único, nem unívoco, daí a repetição de muitas histórias que encontramos nas *Escrituras Sagradas*. Quanto ao estilo do narrador, Robert Alter ainda nos explica:

[...] Uma visão panorâmica das principais funções da narração na Bíblia permitirá uma compreensão melhor do ritmo especial em que os escritores hebreus nos contam suas histórias: começando pela narração, passam para o diálogo, voltam momentânea ou extensamente à narração, mas sempre salientando a interlocução dos personagens, que atuam uns sobre os outros, se descobrem mutuamente. (ALTER, 2007, p.119)

O texto bíblico é, portanto, de uma complexidade narrativa intensa, mesmo sendo onisciente o narrador, como salienta Robert Alter: “nos conduz por meandros

obscuros, iluminados por luzes intensas mas de alcance limitado, lampejos fantasmagóricos, súbitos clarões estroboscópicos.” Este tipo de narração nasce entre as várias versões das escritas sagradas existentes e que também o narrador hebreu tinha um modo diferente de narrar e de compor suas histórias:

[...] O narrador hebreu não se mistura abertamente com os personagens que apresenta, assim como Deus cria em cada personalidade humana um terrível emaranhado de intenções, emoções e maquinações que a linguagem capta com sua rede transparente e que compete a cada indivíduo extrair no prazo efêmero de uma vida. (ALTER, 2007, p.136)

Todas essas características lembram muito a narrativa machadiana principalmente a obra *Esaú e Jacó*, onde assim como Deus é visto de duas maneiras diferentes no livro de *Gênesis* o Javé, o auto-existente e o Elohim, poderoso, se misturando ao mesmo tempo, na obra machadiana temos dois narradores se transformando em um, e ao mesmo tempo. Machado de Assis também cria personagens de emoções intensas e com personalidades complexas.

Além da história bíblica de *Esaú e Jacó*, Machado, grande conhecedor também da mitologia greco-romana, vai beber na história de Castor e Pólux, para desenvolver a trama de seu romance. Machado tece, assim, com fios emprestados tanto do imaginário sagrado como do imaginário pagão. Tanto ele dialogou com as sagradas escrituras como também nos remeteu ao extraordinário mundo profano dos gregos.

Lemos sobre Castor e Pólux no último capítulo: “Castor e Pólux foram nomes que um deputado pôs aos dous gêmeos.” (ASSIS, 1978, p.234). *Esaú e Jacó* abre o livro e Castor e Pólux fecha a história dos gêmeos Pedro e Paulo.

Machado de Assis ainda cita outras referências a mitologia bíblica-pagã, no título do capítulo XV “*Teste David cum Sibylla*”. Aqui há a presença do rei Davi, rei israelita, famoso por ser um compositor e as Sibylla, mulheres que previam o futuro.

Onde também encontramos as personagens Cabocla de Castelo e Mestre Plácido, que previram o futuro dos gêmeos. O duplo permanece aqui com o oráculo popular versus o oráculo bíblico Afonso Romano Sant’anna explica que:

Na história de Machado, o confronto entre David/Sibylla identifica-se com a oposição Plácido/Cabocla do Castelo. Quer o narrador dizer que tanto o oráculo bíblico quanto o pagão, tanto a cartomante quanto o espírita de classe média confluem pela mesma profecia, no caso, o futuro dos gêmeos. (SANT’ANNA, 2012, p.190)

Não podemos nos esquecer que além da *Bíblia* e do mundo greco-romano, há outras referências de fontes religiosas como o espiritismo, ocultismo, catolicismo e algumas alusões ao ateísmo. Neste sentido, Valdeci Borges aponta que:

Cabe aqui ressaltar que nesta obra, *Esaú e Jacó*, a qual trata desses variados aspectos espirituais acima apontados, advindos de tradições culturais e religiosas diversas. Machado sintetizou o hibridismo de nosso campo religioso, expondo a embricação das práticas originárias dos ameríndios com o catolicismo e o confronto com o espiritismo, que, amalgamados, criavam as bases do que seria, posteriormente, denominado de umbanda. (BORGES, 2002, p.34 e 35)

Através desta análise de um hibridismo religioso presente em *Esaú e Jacó*, verificamos como Machado de Assis via o meio religioso em seus dias e como era tratada as questões religiosas na época da monarquia. Com todos estes fatos vemos que *Esaú e Jacó* é um verdadeiro mosaico de citações bíblicas, místicas e históricas tendo como eixo de apoio a dualidade, ambiguidade e contradições. Todas elas são as estruturas principais de *Esaú e Jacó*.

Mariana Rocha Santos Costa aponta que:

Os movimentos diegéticos em *Esaú e Jacó* são sempre de oposição, duplicidade, alternância, ambiguidade ou interação. Os gêmeos, que são dois, podem ser lidos como um único ser desdobrado, ou ainda, podem ser lidos como seres complementares que se tornam apenas um. (COSTA, 2011, p.8)

No enredo de *Esau e Jacó*, encontraremos fatos históricos que é a transição da Monarquia para a República e a Abolição da Escravatura, mostrando uma visão de dualidade política e econômica, onde Pedro e Paulo representa esta instabilidade e dualidade política.

Mariana R. Costa (2011,p.9), expõe ainda que:”é o que acontece com suas posições políticas.Com a Proclamação da República, Paulo, republicano, se elege deputado não mais como seu defensor, mas como opositor ao governo instaurado. Já Pedro, monarquista, passa a ser um deputado defensor intransigente do governo que outora recriminava.”

Os fatos históricos referidos na obra são ambíguos, nada claro. Ele conta e ao mesmo tempo não esclarece nada, traz uma escassez de dados para criar curiosidades no leitor, fazendo com que esse leitor busque saber melhor desses fatos e se o leitor não tiver conhecimento histórico, não perceberá a riqueza de datas e acontecimentos que virão misturados a sua obra ficcional.

A história será encontrada em toda a obra, no tema do enredo, nos personagens de maneira alegórica, como analisa John Gledson sobre a, *História e ficção nas obras de Machado de Assis*:

Um romance que começa em 1871 (o ano da Lei do Ventre Livre), com uma mãe recente que se chama Natividade e sobe o Morro do Castelo (onde o Rio de Janeiro foi fundado, em 1557, por Estácio de Sá, e onde os jesuítas liderados por Frei Manuel da Nóbrega, mantiveram seu colégio), a fim de consultar uma cabocla chamada Bárbara, sobre o destino de seus filhos, não pode ser considerado esquivo em seu convite ao leitor para se empenhar num jogo de interpretação histórica em nível alegórico. (GLEDSON, 1986, p.194)

Não há dúvidas que *Esau e Jacó* é uma obra alegórica de acontecimentos históricos, John Gledson (1986, p.187) observa que “os personagens têm um significado especificamente simbólico, independente de sua natureza como pessoas”.

Um personagem alegórico é Custódio, através do seu pedido de conselho a Aires descobriremos um diálogo com um significado duplo ,Custódio era dono da Confeitaria do Império, como sua tabuleta estava velha e gasta, ele manda reformá-la, mas neste meio tempo, ouve-se a notícia da mudança do regime de Monarquia para República, desesperado procura Aires para saber como proceder para que o nome de sua confeitaria não lhe causasse problemas futuros. Aires lhe sugere então a mudança para Confeitaria do Custódio. Através deste fato, Machado nos revela a situação da população brasileira daquela época como nos afirma Gledson (1968,p.170)”Machado viu sua própria sociedade desnordeada, sofrendo de uma falta de objetivos já presente, em embrião, em períodos anteriores, mas agora atingindo um nível que se aproxima à total desintegração”.

Machado de Assis, não poderia ter escolhido história melhor para retratar aquele momento histórico brasileiro, a transição dos regimes, do que fazendo o uso alegórico do mito do duplo. *Esau e Jacó* conseguem representar bem as ambigüidades tanto amorosas de Flora como políticas entre Monarquia e República. Mariana R. Costa (2011,p.7) expõe:” O motivo bíblico utilizado pelo Bruxo do Cosme Velho é ideal para ilustrar a urgência do estabelecimento de pactos, como se vê confirmado na utilização que ele faz das figuras emblemáticas dos gêmeos idênticos, os quais, na *Bíblia* geram duas nações”.

Robert Alter (2007) comenta:

“A história dos irmãos rivais praticamente pede para ser lida como uma alegoria política, para que cada um dos gêmeos seja visto como encarnação das características nacionais de seus

descendentes, e para que o curso da luta entre eles seja entendido como um esboço dos destinos de suas futuras nações.” (ALTER, 2007, p.73)

Alegoria que começa com Rebeca sentindo que a sua gestação não era normal, e ao consultar Deus descobriu-se que havia dentro dela duas nações. E uma dessas nações ou povos, havia de se tornar grande e poderoso, pois Deus prometerá a Abraão, avô de Esaú e Jacó, que seus descendentes, seria uma nação forte e grande, a *Bíblia* nos relata isso:

E te farei frutificar grandissimamente e de ti farei nações e reis sairão de ti. [...]. E te darei a ti e à tua semente depois de ti a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpetua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus. (Gn17. 6ª8)

Mas somente um descendente de Abraão receberia esta benção, ou seja o filho primogênito, como Isaque teve dois filhos gêmeos, sendo Esaú o primogênito, Jacó não teria direito de recebê-la.

Jacó engana seu pai, e torna-se o sucessor de Isac, então os descendentes de Jacó é que seriam uma grande nação. É o que acontece no futuro quando os descendentes de Jacó, são chamados de hebreus e se tornam escravos no Egito, e no Egito eles se tornam um povo grande.

Este povo tornaran-se grande e forte e conquistam a terra de Canaã.

Machado de Assis com um bom leitor da *Bíblia*, bebe nesta história e faz dela uma alegoria dos acontecimentos históricos vividos pelo povo brasileiro, um povo escravo oprimido e com luta poderia tornar-se uma grande e poderosa nação, mesmo em meio as rivalidades e conflitos.

A rivalidade entre irmãos infelizmente é também um retrato do mundo em que vivemos. Machado antecipa as trágicas guerras que a humanidade vive, que parecem jamais terão fim. Sanseverino observa que:

A dualidade de Pedro e Paulo é a principal alegoria do romance. Não representa apenas a conservação e a mudança, Luís XV e Robespierre, Monarquia e República. Como os trabalhos brancos contra os pretos, essas imagens emblematizam o confronto constante dos gêmeos. Elas representam o princípio da guerra como mãe de todas as coisas. (SANSEVERINO, 1999, p.7)

A dualidade na vida sempre vai existir assim como existiu na história bíblica dos gêmeos Esaú e Jacó, o ser humano vive uma eterna briga pela “primogenitura”. Machado expressa como em Eclesiastes: “o homem nasceu assim e será assim eternamente desde o útero”. (ASSIS, 1978, p.235). Nada muda no mundo, não há nada novo debaixo do sol. O bruxo do Cosme Velho faz com que o leitor procure o verdadeiro sentido da obra, como o ser humano procura o sentido da vida.

CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado procurou, desde o primeiro capítulo, apontar como a *Bíblia*, com sua diversidade de gêneros literários, com suas intrigantes histórias de amor e de ódio, de redenção e de maldição, sempre foi fonte inesgotável de diálogos intertextuais para inúmeros autores da literatura ocidental. De Shakespeare a José Saramago, de Dante a Oscar Wilde, de José de Alencar a Machado de Assis, de Drummond a Clarice Lispector, quase todos os autores clássicos beberam ora por paródia ora por paráfrase nas antigas escrituras. Assim, concordamos com Alter, quando ele comenta que nós deveríamos “reparar com mais sutileza na complexidade e na economia de detalhes expressivos do texto bíblico.” (ALTER, 2007, p. 40). Daí a necessidade de compreendermos melhor como se processa este intercâmbio entre o sagrado dos textos bíblicos e o laico dos textos ficcionais. Este um dos principais motivos pelo qual elegemos o romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, para nossas análises, uma vez que, como o próprio título aponta, esta narrativa foi decalcada na história dos famosos gêmeos bíblicos Esaú e Jacó, do livro de *Gênesis*.

Machado de Assis sempre foi um excelente leitor da *Bíblia*. Seus textos, desde as suas primeiras poesias adolescentes, estão eivados de citações bíblicas. Se no início de sua vida de escritor, ele estabelecia um diálogo singelo e ingênuo com as sagradas escrituras, como se pode ver em sua produção inicial, principalmente em seus poemas, já com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* inicia-se uma fase de rebeldia e de irreverência em que os textos bíblicos serão parodiados, criticados, destorcidos, deslocados com humor, fazendo deste autor um dos mais complexos, polêmicos e importantes romancistas brasileiros. Para Roberto Schwarz, a complexidade do Bruxo do Cosme Velho vem do fato de que no “romance machadiano praticamente não há frase

que não tenha segunda intenção ou propósito espiritualizado”. (SCHWARZ,2000,p.30). Seu romance *Esaú e Jacó* também irá dialogar de forma paródica com o texto bíblico. Se na *Bíblia* os irmãos gêmeos mantêm rivalidades, brigando pela benção da primogenitura, em Machado, *Esaú e Jacó* serão representações alegóricas e contraditórias de nossa política, cindida entre a monarquia e a república. Há outras menções e decalques retirados do contexto bíblico. A rivalidade política dos irmãos também nos remete a Caim e Abel, a Sem e Jafé e também aos apóstolos do cristianismo Pedro e Paulo.

Mas o romance *Esaú e Jacó* não bebe apenas nas águas das sagradas escrituras. Machado também era um bom leitor das narrativas Greco-romanas e pagãs. Se o título do romance é uma menção aos filhos de Isaque e Rebeca , o último capítulo do romance dialoga com a história grega dos irmãos gêmeos Castor e Pólux. Fica evidente a mescla de referências tanto bíblicas como Greco-romanas que permeiam toda a história da dupla.

Aliás, defendemos nesta dissertação que sssssss o mito do duplo é a estrutura principal do romance *Esaú e Jacó*. Todo o eixo condutor da narrativa tem como força motriz o mito milenar dos irmãos duplicados. Sabemos que são várias as histórias na literatura ocidental que apresentam o duplo como personagem. Em Shakespeare, por exemplo, temos *A comédia dos erros*, em Molière temos *O Anfitrião*, com Saramago temos *O homem duplicado* , em Stevenson, temos *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde*, em Milton Hatoum, *Os dois irmãos*. A literatura sempre se deixou seduzir pelo jogo das ambiguidades e das perplexidades diante do mito do duplo. Para Freud (1974), esta sensação desconfortável, perturbadora, diante de seres duplicados sempre nos acompanhou desde tempos primordiais do nosso funcionamento psíquico, estando sempre pronto a nos assombrar e provocando-nos uma sensação de inquietante estranheza. Daí o enorme sucesso de livros em que os duplos geralmente terminam de

forma trágica. Também para Brunel (2005), em seu *Dicionário de termos literários*, o duplo busca representar os conflitos intensos do ser humano e também de uma época.

Desta forma, concordamos com Brunel, já que Machado de Assis apresentou por meio dos irmãos gêmeos Pedro e Paulo muitos conflitos da alma humana como o amor, a solidão, a morte precoce, como também as adversidades políticas e sociais do Rio de Janeiro do século XIX, como a Proclamação da República, a questão abolicionista, o poder da Igreja católica, o patriarcalismo, as elites agrárias, a pobreza dos morros, os conflitos sociais, etc.

Observamos principalmente que os conflitos do mito do duplo acompanharam os irmãos Esaú e Jacó, desde o início do romance. Tudo se estrutura na rivalidade e ambiguidade dos gêmeos como: a briga no ventre materno, o amor por Flora, a opção política dividida entre monarquia e república. Nem mesmo o narrador escapa do jogo da duplicidade, já que a narração é atribuída ao conselheiro Aires, do romance , *Memorial de Aires*, mas ele também aparece como personagem referido em terceira pessoa. Assim, todo o romance nos convida à uma leitura alegórica, ambígua e multissignificativa. De Esaú e Jacó a Castor e Pólux, da *Bíblia* à mitologia grega, tudo conspira no romance para as dobras, as sombras, as duplicatas, afinal, como bem já nos havia alertado antes Machado de Assis “todos os contrastes estão no homem” e “os oráculos tem um falar dobrado.”

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Flávio. *Ressonância da Bíblia na literatura*. In: FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004. P. 273-280.

AGUIAR, Flávio. *Sob o olhar da crítica literária*. In: Revista Entre Livros [A Bíblia muito além da fé], série Biblioteca, Ano I, Nº 2. São Paulo: Ediouro e Segmento-Duetto, dez. 2005, p. 60-67.

AGUILAR, R. A. *Miscelânea*. 1º Ed. Rio de Janeiro ADOS, 2003.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*: tradução Vera Pereira. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank (Eds). *Guia literário da Bíblia*. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP. 1998.

ANDRADE, Edson. “A bíblia como literatura: violência, poder e erotismo na narrativa sagrada” In:< http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/ensaios_biblia.php>

ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*, 1º Ed. São Paulo: Editora Egéria, 1978.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Organização de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Recorde, 2008.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borbas*. São Paulo: Editora Egéria, 1978.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 1º Ed. São Paulo: Editora Egéria, 1978.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 1º Ed. São Paulo, Editora Egéria, 1978.

ASSIS, Machado de. *Contos Seleccionados II*. São Paulo. Editora Conducta, 1978.

AUERBACH, E. *Mimeses: a representação da realidade na Literatura Ocidental*. . São Paulo: Perspectiva, 1976.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo. Edições Paulinas, 1985.

BLOOM, Harold. *Leio, logo existo*. In: Revista Veja. São Paulo: Abril, ano 34, 31/01/2001, p. 11-15.

BLOOM, Harold. *Jesus e Javé: os nomes divinos*. Trad. José Roberto O’Shea, Rio de Janeiro. Objetiva, 2006.

BLOOM, Harold. *O livro de J.* Tradução de Monique Babluena, Rio de Janeiro. Imago Editora, 1992.

BRUNEL, P. (Org.) *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio: 2005.

BORGES, Valdeci. *Religiosidades em Machado de Assis*. Opsi, Catalão, Vol. 2, N. J; Jan/Jun, 2002.

_____, Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. In: Revista Estudos Históricos v. 2, n. 28 (2001) p.49-69.

BOSI, Alfredo. *Uma figura machadiana*. In: **o enigma do olhar**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BRUNEL, Pierre. (organização) *Dicionário de Mitos Literários*. 3º ed. UNB, 1998.

CAMARGO. Fábio Figueiredo. *A escrita dissimulada: Um estudo de Helena, Dom Casmurro e Esaú e Jacó, de Machado de Assis*. Belo Horizonte: Edição do Autor: 2005.

CAMPBELL, Joseph e MOYERS, Bill. *O Poder do Mito*. Editoras Palas Athena, 1990.

COMMELIN, P. *Mitologia Grega e Romana*. Trad. E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COSTA, Mariana R. Santos. *Esaú e Jacó: um retrato machadiano do Brasil em fins do século XIX*. Revista Inventário, Universidade Federal da Bahia 2011.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERRAZ, Salma. Os marginais na bíblia: Lúcifer e Madalena. In: *Revista estação literária*. Londrina, Volume 12, p. 143-164, jan. 2014.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro. Imago, 1974.

FRYE, Northrop. *O código dos Códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo; Boitempo, 2004.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GLEDSON, John. *Machado de Assis, impostura e realismo, uma reinterpretação ao Dom Casmurro*. São Paulo, Companhia da Letras, 1991.

GOMES, Eugênio. *Machado de Assis, influências inglesas*. Rio de Janeiro, Pallas, 1976.

GIUDIM, Márcia L. *Armário de vidro-velhice em Machado de Assis*. São Paulo, Ed. Nova Alexandria, 2000.

GUIMARAES, Laercio Rios. O Fantástico e o duplo na obra Esaú e Jacó: de Machado de Assis. *Revista Pandora Brasil*, 2011.

JUNG, Carl G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1975.

LIMA, Luiz. Costa. Sob a face de um bruxo. In: _____. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

MACHADO, Ubiratan (Org.). *Machado de Assis: roteiro de consagração (crítica em vida do autor)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras: Teologia e Literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MAGALHAES JUNIOR, Raimundo. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Vol. 1. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981.

MAGALHAES JUNIOR, Raimundo. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Vol. 2. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981.

MAGALHAES JUNIOR, Raimundo. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Vol. 4. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1981.

MANZATTO, Antonio. Teologia e literatura. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis. 1839-1878*. Ensaio de biografia intelectual. Civilização Brasileira, 1971.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Duplo*. In. Zila Bernd (Org.) *Dicionário de figuras e mitos*, 2007.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 2007.

NEVES, Carla. *Em demanda da identidade: a duplicidade em Esaú e Jacó de Machado de Assis*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 2000.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis, estudo crítico e biográfico*. 2º Ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. “Machado de Assis e o mito hebraico do dilúvio”. In: PEREIRA, K; SILVA, M.I. (orgs). *Releituras do texto literário*. Uberlândia: EDUFU, 2013.

PETRAGLIA, Renato. *Dois romances: estudo comparado de Esaú e Jacó e Dois irmãos*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: 2004.

RANK, Otto. *O Duplo*. Tradução de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: 1939. 2º ed.

RODRIGUES, Jessyca Nunes. *Ressonâncias bíblicas na obra de Machado de Assis: Esaú e Jacó*, Philica USP 2012.

ROSSET, Clemént. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 1988.

SANSEVERINO, Antônio Marcos. *O princípio da corrosão em Esaú e Jacó*. In: **Realismo e Alegoria em Machado de Assis**. Tese de Doutorado. PUCRS, 1999.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 1º Ed. UNESP, 2012.

SILVA, Antônio Gilberto da. *A Bíblia através dos séculos: uma introdução*. Rio de Janeiro, CPAD, 1986.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo; Duas cidades. Editora 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas, forma literária e processo social nos inícios do romance Brasileiro*. São Paulo. Duas cidades. Editora 34, 1º Ed. 2000.

_____. A reviravolta machadiana. *Folha de São Paulo*: Mais. 23/05/2004.

SOARES, Esequias. *Visão Panorâmica do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro, CPAD, 2003.

SYLVESTRE, Fernanda Aquino. *Mitos bíblicos e contos de fadas revistados na metaficção de Robert Coover*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.